

DA MESMA AUTORA
DE PRAZER OCULTO

POEMAS
DE
RESURREIÇÃO

VITÓRIA
MORAIS

O QUE GUARDA UM
CORAÇÃO É UM
MISTÉRIO. SEU SABER E
TODO SEU ANSEIO SE
ENCONTRAM FECHADOS,
SEM APOIO E SEM
NADA DENTRO. O
PREENCHIMENTO ADVÉM
QUANDO ALGUÉM O
OBSERVA.

GOLPES

Não existo.

Nem sequer resisto

Em giro, rodopio e sentido

Ando, tropeço

Nem por audácia, me vingo.

Majestade, alteza, realeza

Tudo que é meramente digno de nobreza

Fogem por portas arranhadas

No piso do chão de granito

E o acordar é como susto
E em espaço algum me leva.

Não sei se me conheço bem
Se não, necessito, em repúdio por mim mesma
Conhecer-me, na literal rigidez da palavra
Mas o laço é extenso a um nível irrelevante
Alcanço, mas nunca acho.

Crio, recrio, penso e repenso
Por outra ótica me induz em agonia, a acreditar só na vida
Como obra-prima divina
Mas para meus olhos, absolutamente
Tudo é maleável de tensão.

Eles mesmos gritam dentro do olhar
Soltando berros ultrajantes pelo ar.

Satisfatório, é idealizar o esboço do que já vi
E aprofundar-se no que ainda não provei
Gosto azedo, e amargo é o presente
O presente que já ganhei, não me contenta mais
Não sei mais onde está, joguei fora e amassei.

Vai se ver com outros óculos, com outro grau
Sou mesmo um bicho repugnante
Uma fêmea ogra, alucinante.

Mas se por ora outras bocas reparam

Em ser tão diferente dos demais
Hiberno, no reparo de sair ileso
Para ser isto mesmo, neste peso.

Sozinha em adesão.

ALTERADO

Nada mais me corta
Quanto mais me fere
O costume solene
Na vidraça da vida, já se adere

E eu tenho tanto ainda
Para sentir
Corpos a serem beijados
Sorrisos a serem tocados
E me malignei, presa em escarro

Não senti nada ainda.

Mas então porque me encontro aqui?

Estacada na sensação de uma nota musical

Onde todos os dias cheira a desprezo

Pelas mãos de talento, talento inato

O mundo quer pesar-me ao máximo

Mas a redoma que balanceia esta vontade

É de anseio, reprimido, clássico

Não sopro minha loucura nesta saudade

Que ainda nem se pode morar.

Meu cansaço é a única coisa que se desdobra

Sinto que tenho filhos, netos, bisnetos

Estão em um aposento esperando por minha visita

São de brinquedos, mas vívidos

Signos da cicatriz, como aflição parasita.

Eu adormeço agora no escuro

Esperando somente retroceder

Para a infância, onde um dia

Destes monstros, eu pude correr.

DIGNA DE PENA

O consolo não me serve mais.

O sensível não é algo que se possa tocar

Com a palma da mão.

Mas suplico, replico, ressalto

Não tenha pena de mim.

Não sou capaz de aceitar

Amenizar-se a dor da vida, em vida
Como ela é.

O tempo carrega e leva embora
A vontade de matar a sede
E saciar a fome.
E arruína o que construí
Em cima do passado sádico que vivi.

Eu não sou ninguém
E nunca serei, nada além
Do que fizeram de mim.

Mas por isso eu suplico, replico, ressalto:
Não tenha pena;
Pois já a sinto tanto, por mim.

A pena só agrava mais
O sentimento de morrer depressa.
E o de viver, jamais
Não se fazer presente.

PROJETO DE LINHAS TORTAS

Vejo este nada que não me abraça

Vejo esta chama que não me queima

Tudo de obtuso, que ouse me tocar
O relógio para e se quebra
No clímax do momento, não pensa em avançar
Nem por nus entrar, pela fresta da janela.

O pano amarra e atrofia o quimérico
Ele larga e deixa o tremor vencer
Nunca mais volto a respirar
No atemporal deste lugar.

Pertencente a nada, as pessoas
Que vagam em perene silêncio
E com elas, o barulho na cabeça
Não dão um possível agrado a atenção
Nem a quem mereça um pouco
O aroma do fruto.

Oco são na verdade, todos os estados
Sólido, líquido, gasoso.
Desavença e desordem.
Crônico é a minha linhagem infeliz
Neste destino, onde desabrochei
De uma concreta e infiel matriz.

INFERNO

Nada é tão verdadeiro
Que seja assim, tão perene
Nada é tão agradável
Que cubra o coração assim
Artificialmente tão afável.

Nada disso é tão real
Criei para mim, e tive fé
Obtive a crença suposta
De que nada disso
No final, não faria me sentir tão morta.

Os galhos das arvores só se quebram
Sob a minha cabeça pesada.

Se absorve, tudo escondido
Dentro da melodia que inventei
E vem, me abraça em justo toque

Me cega, me queima
E depois
Sucumbe.

EM TRANSTORNO

Para início de conversa

Não se aprofunda, não se mostra

Só se omite, e nunca nada de tão puro

Se transmite.

Olho a olho é contato vazio e irreal

A voz sai, mas nada diz

Nada se cria, nada se forma

Tudo se destrói.

NOTA

O aço que arrasta no chão
É sinônimo do indigesto sabor
De gengiva inflamada, da boca cortada
No meio fio.

Do excitar-se sem o gozo
Do café sem a quentura
Do frio sem cobertor
Leve, não é a espessura
Do mundo só me alivio em suprema corte
Sentada na cadeira da dor.

Nunca provei nenhum sabor.
Se não, a eterna agonia
De adentrar-me na ausência perpétua
Da companhia.

E agora o que me resta.
Agonia presa sem som nenhum
Nada escapa, nada me permeia
Quando as pequenas aranhas fazem sua casa

Não se estabilizam sem a teia.

Encontro do meu eu cortado ao meio

Uma parte grudou no teto

A outra parte

Não se encontra mais a carne viva.

Ficou eternamente rasgada

No lado esquerdo do teu seio.

DADA POR VENCIDA

Precipício.

O abismo está bem aqui

Na minha frente.

Pessoas do meu lado direito

Se fazem de ternura quente

Mas não ultrapassam nem claramente

A frieza do inverno.

Só, solidão

E como estas palavras e teus sinônimos

Caem tão bem com o penetrar

E o cansaço inalterável do expressar
Dos meus olhos baixos, fitando
Em denso cálculo, o cisco triangular.

Devora tudo que encontra
Destrói, sem rastro,
Tudo que me zomba
Sem rastro, o passo já não existe mais.
O passo é o primeiro.
O rastro é consequência.

Precipita.
O abismo é aqui.
Em uma leve expurgada
Morro em cima da incoerência.

VIVER?

Não nasci para viver.

Besta, me segurei no pensamento

Pulsando igual a veia.

Tudo que habita e vive bem

Neste severo escárnio

É só para quem tem um coração
Que para nada, de tão tolo
É páreo.

E nem de ideias, nada pari.
Os fósseis da mente, quando achados
São usados para fúrias.
E certos, acertam muito bem
Aqueles pobres, os pobres com luxúrias.

Vulgariza-se agora
O ato de viver.
Tão raro em seu sentido
E tão fraco de caber
Dentro da história.

O PIOR É O MELHOR

É trágico pensar,
E lembrar o passado

Presente na memória.

É básico sofrer,

Por decisões precipitadas

Feitas no ácido da raiva do instante.

Nada de bom existe,

E nada de bom se cria.

São sequências de desânimos,

Em uma pressuposição

De que algo bom possa ser criado.

Nossa própria interpretação,

Cabe apenas ao nosso entendimento.

E dei-me por vencida,

Neste remendo de um rasgo inteiro

Em papel borrado.

SEDE

A seca

Não é aqui.

Nunca foi aqui.

A seca

É dentro da gente.

Segredo

Vejo coisas que não consigo
De fato, dentro do acaso
Realmente ver.

Vejo coisas que não compreendo
Analiso, e na espreita
Pesquiso.
Mas o compreender-se para mim
É a pele, se dar o prazer de sentir.

Se não sinto, eu não me dou
Para a ousadia
De deixar-me compreender.

Eu vejo coisas, mas não as julgo.
O julgar é para deuses
O julgar quem o faz
É o concernente e centrípeto
Poder do universo.

Se é este mesmo quem ordena e planta

Todas as reais sementes
Com a porta fechada, dentro do meu verso
Calada, semeada
Não mais, o peço.

TATUAGEM [OUTRO POEMA PARA IASMIM]

Queria estar em você.

Estar grudada, me fazendo eterna
Assim como tuas tatuagens
Coladas em você.

Mas o pensamento
Ele, tão maleável e volúvel
Decidiu-me pôr no muro
Do consternado desejo.
O desejo duro de me apaixonar.

Mas por quem?
Me pergunto sem cansar.

Me apaixonei por você
Ou pela tua dócil e calma
Aparência de se tatuar?

EXPLOSÃO

Meu corpo é uma granada
Uma bomba atômica
Prestes a explodir.

Sou feita de aço no calor
Me refaço de pedra dentro do ardor
Nas águas eu me banho
Caudalosamente como peixe
Que nada perdido atrás do rebanho.

processo químico
entrando no colapso da fusão
E ninguém irá dizer

Que o próprio é preso
Que se enaltece dentro de meticulosas bolhas
Como se fosse filhote indefeso.

Meu corpo é sangue de todo mês
Meu corpo é a raiva e a dor
Te matando com um tiro no peito.
O mórbido na qual ele me prepara,
Eu inocentemente aceito.

O mapa que ele percorre
Se não é de prazer, sexo e gozo
É o grito que ilumina
O esperneio do choro.

A vontade de se interromper
De se romper
Com nós desumanos
Com esta força que possui
De se entrelaçar, e se jogar.

Mas ele está sempre
Prestes a explodir
E com o trajeto da morte
Brevemente vai se colidir.

VIDAS PASSADAS

Não existe ninguém por aqui.

Não existe, não resiste

Não reside.

Nestas ruas com sacos voando pelo ar

Nesta casa com meus pés

Se pesando no próprio andar.

Neste quarto que já cheira
Ao podre mistério do futuro.

Neste corpo, neste rosto
Não existe ninguém aqui dentro.

O que me amamenta no vazio
É este inerte paladar do próprio vazio
E no deleite, tão macio
Do nunca ter existido no próprio pesar
Conforta-se na minha imensidão, tão particular.

O não existir
É trama da vida que inventa
O enrolar-se em cordas de suicídio.

Tudo isto para nos dizer
Que a vida em si
É só um presídio.

Papel A4

Se aproxima o domingo com cheiro de aniversários esquecidos

O almoço com gosto de alarme

Do melancólico já mofado

Pela encosta do viver que é na plena
Incerteza da espera da segunda-feira; golfada.

A família não se reuniu desta vez
Ela agora persiste só em reunir-se dentro de mim
E ficam ilesos, presos sem jeitos
Como se o balanço do prazer
Rodasse em quadrado na introspecção do querer.

E o quero, se encaixa em uma dose de água salgada
Que bebo, e bebo sem nunca parar
E o som do violão é o mesmo som da melodia invertida
Que semana passada inventei
E pus como trilha sonora do meu passado.

Mas o romantismo tão impregnado
Gruda com cola bastão em todas as paredes da casa
A ideologia com a asa quebrada
E não volta nunca mais a voar.

E a vida no presente
Me parece como o que já foi passagem.
Me perco mais de cem vezes
No atemporal deste tempo da abordagem.

FERIDA NO QUEIXO

Posso mesclar-me em trejeitos infusos
E dissipar-me nas cólicas induzidas
Pelo trajeto que o inconsciente
Suspirou em acolher.

Praticamente de tudo que sinto
Arranco um pedaço
Deste instinto que envaidece
Para fazer-te poesia.

O conhecimento não me necessita
A verbosidade em si, sente a minha falta
Mas não mais me enaltece.
Comprei talheres novos para toda esta cozinha
Que era melindrada em ação subsequente.

Mas agora
O nada, e a ação do fazer-se viva
Nada é preciso fazer, extraordinariamente nada
Mas o sentir, ele sim
Não é este masculino, escondido em eutanásia
É ternura, no de necessitar-se no acalanto
No acalanto previsível
Da lucidez de ser somente poesia.

Nada mais serve sem esta ferramenta de libertação.

De que serve a vida sem isto?

Um carro sem o motor nunca funciona

Um filho não nasce sem um útero que o gera.

O milagre do nascimento nunca acontece

Sem no começo, a dor agonizante.

A vida não teimaria em existir

Nem nós, como formigas ferozes

Se a matéria do meu canto

Não fosse só o meu sentir.

sexo feminino

A língua de cobra que sai de dentro da boca com saliva

Extasiada; aspirante de veneno

Mas não somente a possui pois se pode penetrar

Surdamente na glória do prazer.

O rosto mostra expressões que denunciam

O trabalho que ele não fez.

Nem nunca faz.

O falo é um rito.

E seu poder, um desidratado mito.

Nas pequenas ruas desertas do meu gozo

Pertencentes a uma chama feminina, vaginal.

Para ela, eu me dou.

Eu dou, em suspiros agravantes.

Para ele, eu nunca dou.

Nem me darei a ousadia de me doar.

Boca que não fala

Diga-me

Forças invisíveis do presente

Onde o passado se alinha como pedra

Em firme reta.

De onde vem esta sede que não se sacia

Esta fome que reclama

Com a barriga cheia.

Esta vontade chorosa

De querer escrever-me em papeis em branco.

Me escrevo e não canso.

Me escrevo e mesmo este ato nunca se acaba

Nunca se acaba de tanto cansar.

Construções, destruições e extermínios

Acontecem do lado de fora

Enquanto dentro de mim

É semente, pó e fumaça.

A alergia não é só irritação

Neste nariz torto que nada mais cheira.

A alergia se curva e se honra

Para esta gravidez indesejada

De me fazer em linhas.

De me escrever, como verme

E de crescer-me nas expressões do rosto azedo

Como espinhas.

Um poema para iasmim

De tão pouco lhe conheci
E o gosto do teu beijo, pouco saboreei
A paixão se vestiu de orvalhos, inteiramente
Dentro de mim.

Repentinamente.

E a vida não tem pressa, ela espera o sofrimento passar

Com correntes presas nos pés, a espera
Como se fosse teu senhor de engenho.

E em teus olhos claros, da cor do céu
Olhar desejado, sedutor, infiel
Ao morar neles por instantes
Me parecem mais penetrantes
Que uma aspirante faca, ao entrar dentro do peito.

Perco-me, borbulho-me, derreto-me
Afasto-me da minha carne
Quando encaro teu olhar
Minha alma descansa em cima; e minha respiração
Volta a parar.

E em teu rosto liso
Pele branca, macia e loura
Nasce a sensação de cuidar, irreparável.
Em teus detalhes físicos deixei aflorar-se por inteiro
Meu sentimento covarde.

Onde em lugar nenhum sossega; e é mal-aventurado
Tento lhe clamar, em alta voz e fiel
Mas o roteiro todo desta história peregrina
É um papel amassado, sem bordas.

Nos meus sonhos somente andava em busca de ti
Pois na matéria, como destino se ausentava
Que em teu jeito, já soube sangrar-te ao máximo

Deste enredo flácido.

Tatua-se o corpo inteiro

Em gostos amargos, doces e salgados.

Queria perder-me em pasmo

Feito labirinto

No teu corpo tatuado.

Mas relembro-me em serena dor criada:

Não sei a verdade maior sobre ti.

O pranto existe, mas sua origem se desqualifica.

Mas esta é a procura sobre a cura

Da maior paixão que cicatrizo.

Em suores desejados, beijos e carícias inventados

Foi aonde; caudalosamente descobri

A raiz desta flor, tão fatal de formosa

Chamada Iasmim.

Alguém já fez amor com uma imagem?

Eu queria que te tirassem toda a imagem
Câmeras escondidas, fofocas e ouvidos
Teu semblante, restaria como fruto do mato
Por ser somente beleza feita do barro.

Queria te tirar todas as vestes
Mergulhar no teu profundo
Sem riso, causa ou choro
Transar-me com tua alma de graça.

De gentil, assim, não é.
Nunca me contento
Em transar com imagens.
Já não faz revolta e nem provoca o consolo
De ninguém mais.

Avança no afeto, com botas sujas
De trepidar-se ao nu do cego
De nunca ter se tornado humano
De nunca ter transado
Inativo, sem o olho reto.

Minha gripe se queixa incansavelmente
O meu desejo é tão claro
Que o confuso perde a calma; se torna treva
E a enterra, faz vexame
Com toda esta imagem que eu mesma criei
Em cima de outra imagem que lucidei.

O idólatra é o grande idealizador
Dos séculos passados e seguintes.
O admirar só se é possível
Quando não há relação;
Não se morde, não se beija e não se queima.

Avista de longe, a grande estátua
Mas não se pode tocar.

Eu queria mesmo fazer-lhe um pedido
Seja lá para quem for;
Eu queria tirar a tua imagem;
Obscena, rica e covarde
De cima do teu rosto.

Choro da madrugada

A noite se tornou rabugenta
E fez umedecer todo meu rosto inchado
E melado de cobre
Do choro melindroso
Da secreção; do soluço venoso
E do lambuzar-se no aperto do travesseiro mofado.

Enquanto me lambuzo, ele vai virando rio
Água corrente
Lágrima que acorrenta.

Deixo a dor me sentir, feito unha grande
Arrastando em cima do metal
Me sinto dentro dela
Sem rima, sem sal, sem transe.
Por um segundo me disfarço de doente
E quem não sabe se sou?
Só para a morte apressar-se
Mais o passo diante a mim.

O escuro por sinal já é de grande ajuda
Se o tal de Deus que personificam
De fato, em cima de fato, existe
O fardo do mundo

Todo joga em cima das minhas costas.

Mas o porquê, a dúvida

Já me mata antes mesmo

Da senhora aproximar-se com a foice

Intrigada deafiada.

O que fiz de tão mal

E quem será que me fez assim

Vulnerável, frágil, assolada

Para ser, de tanta dor, desfeita?

Final da tarde

Falar não me contempla
Nunca me contemplou
As pessoas mantem o vício firme
De enxaguar conversas artificias
Em um tronco destronco;
Que quase sempre dorme.

Me tranco em mim
Mas nunca me vendo.
É soberbo e valioso
Para ser tirado assim
Por sinal disforme e choroso.

No meu quarto com as paredes já descascadas
Do tempo antigo, malcuidado, apressado
Converso comigo quase o dia todo
O espaço que o mantém vivo, é segregado
Meu eu; ele não o permite se misturar
Com aproximações teatrais.

Meu espaço de espírito, médium
Cuida de mim, e sinto que cuida
Mas me manda comprido sofrimento
Para o ensinamento do deleite
Ser mais nobre que a tristeza; e seu acrescento
Em mim.

Eu quase me deixo ir embora

Meus amigos, amores, sabores
Todos eles sumiram.
O não ter ninguém
O não compartilhar de regozijos
Me tira a calma; e nunca me traz alguém.

Quando deixo a solidão me comer
Com garfos e facas afiadas
E guardar a minha sobra azeda e podre
Dentro da geladeira
Percebo bem; que o meu par não existe.
Ou esqueceu de existir.

O que tenho e o que não tenho?

Me aventuro no desespero
De descobrir, e descobrir-me
Deste lençol da minha infância
Que, em raiva; joga fora no lixo
E levo para fora em arrogância.

Todas elas fingidas se disfarçam de bondade
E meu sonho se transcende quase em realidade
Quando penso que nunca; mas nunca
Viverei algo de verdade.

Desabafo dentro do ônibus

Para quê viver entre luxurias
E se adornar no espetáculo viçoso
Do sombrio que é toda esta criação
Feita por nós mesmos?

Nos perdemos no meio de tudo
De tudo que criamos em contentamento
Até que o mesmo suga tua áurea
Em prol da ilusão do fingido alimento.

O que te necessita agora e por anos seguintes
Não é a frente do mundo, e ele ao se curvar
Sangra e se desmancha.
Vendo todos os teus filhos, antes puros
Se matarem.

Passado, presente e futuro

A ansiedade vive pelo futuro
E deprimida pelo passado
Não vivo neste presente, escarro
Onde giro ao redor de mim e só me perco
Á cada vez mais que me penso em me achar.

Não encontro mais a força suada e enraizada
Debaixo das minhas olheiras, debaixo dos meus olhos

E bem a frente do coração.
E todo o encontro do meu eu comigo
Suave e em retrocesso, sai pelos poros.

O aperto que de tanto a deixei
Aproximar-se de mim com os anos
Não me larga; e deixa a piedade
Muito bem acesa e atenta
Se um dia eu a deixa-la pela sanidade.

A horrível e penumbra fantasia berrante
Que invisto e insisto em vestir-me
Enquanto meus pés cansados se afastam
Em chão dourado do brilho do sol
Em silêncio profundo as buzinas dos carros
Me entorpecem e me arrastam
De volta ao meu passado adolescente.

Passado, antepassado e segregado.
Todos eles se interligam e me lembram
De um nojo e cru sentimento.
A imagem de boas convivências
Não se cabe ao que já passei.
E de tanto, que lutei
Volto como criança chorona.

Meu passado não me merece
Mas com ele, abro mão do meu ego
E o sofrimento se torna pó de sortilégio.

Se curvando a mim, como quem nunca viu
A negritude se tornar privilégio.

E o compromisso de amanhã é inusitado
Carne nova, bicho novo
Olhares, gestos, presenças
Todas estupidamente diferentes
E nunca iguais às minhas.
O amanhã por completo, me desafora
E me faz perder a graça que em via de regra
Tento mantê-la como escudo de proteção.
Mas este escudo acha que é espada.

O amanhã, dentro de mim
É rebelião.

A leveza com que abro meus olhos
Não perturba os outros e nem a luz
Das quais sempre quero me infiltrar.
Só tira o meu sono, a minha fome e euforia
E minha dócil vontade de ser um dia
Quem eu tanto queria.

Entre a paixão e a morte

Já cansei de sonhar acordada com o teu corpo

Imaginando, no semblante deste sonho

Como seria?

Imaginando teus suores, teus gemidos

Todos se friccionando contra o meu.

Te desejo.

Isto é o que se repete, como eco

Dentro da minha cabeça.

Tragar-te por entre as ondas dos teus seios brancos

Beija-los; e em carícias defasadas

Me empalidecer na noite que não amanhece.

Não amanhece, pois consumimos o bastante

Teu gozo é a aspiração maior das minhas manhãs.

Meu olhar fixo, meu andar sem piso

Não sei se aguentarei as noites mal dormidas

Que se travam só em viver dentro do sonho de te ter.

Nem por; ao menos, uma noite.

Quando algo me faz lembrar

Que o sonho não é meu

E que ele nunca poderá existir

A ideia da morte volta a me enaltecer

E quando vivo na realidade, concreta
Surge assim, o desconsolo de morrer.

O CHORO

O choro é o oco do vazio.
Quando me encontro
Séculos seguintes, depois de me perder
Vejo que as lágrimas regam
Todo o sentimento inquieto.

Mas que não existe do lado de fora.
Só vive por dentro, e embora
Ele se abasteça somente dele mesmo
O choro precisa acontecer
Ríspido, sangrento e indeciso.

Todo o tempo, se olha em frente ao espelho
O espelho d'água que reflete na sombra atemporal
Do espaço presente.

Se olha tanto, o pobre sentimento
Que muitas vezes se esquece de chorar
E morre, sem ao menos, todo dia

Se regar.

A FORÇA NÃO-DESISTENTE

Eu te observo de tão longe
E por outrora me faz tão bem
Me contenta, me contempla
E sinto-me até a raiz do pé
Toda rica de amor.

A matéria é invisível
Só se é visível quando se inventa
O poder de te pintar por completo
Dentro da arte da palavra
Com as cores da minha mão.

O ANJO NEGRO EM MIM

Calo, como quem foi sentida
Sempre sofrida
Mulher sem presunção, descabida
Negra, crespa, suja
Por outras mulheres, o desejo se vacina em mim
É imortal e nunca se murcha.

Demônio sou eu
Demonizam meu reflexo no espelho
Este demônio ensanguentado é meu
Rasgam-me as euforias e empobrecem mais ainda
Os erros que me condenam.

Sou o traste, o estrago, o resto
Sem dinheiro e sem teto, com isto em omissão
Me torno lixo, não presto.

Perante à barbárie retardada
Continuo muda, me calo.
Dentro do calo entorpecido
Do meu pé com passo em estiraçalho.

Mas me descalço no toque e no beijo
O beijo do demônio que sou eu
Os beijos que são só meus
Me internam, me enlouquecem
Por ter um demônio particular
Aquele desejo que é só meu.

PODER

Tudo que está a olhar agora:
O banheiro, a luz acesa, a comida quente e pronta
Sua mão trêmula e tonta que estalam os dedos frios.

Tudo que viveu, passado de prisão
Teu corpo beirando a destruição
Nada disto foi real.
Nada disto sequer chegou á ser real.

Alusão e ilusão de tempo
Nos receptam até um olho de quem criou
O sofrimento, a angústia, a dor
E nos moldou em tom de sangue púrpuro
A igualdade de naturezas se criou.

Eu sou uma pessoa diferente do que me tornaram
Eu sou uma pessoa diferente de quem me trouxe
De quem me pariu, de quem me viu sorrir
Embora, os traços de sentidos sejam parecidos.

A mágica só habita do lado de dentro
Nada existe do lado de fora.
O lado de fora só entorpece
Decresce, maligna.

O conforto nasce e se expõe
Só de uma antiga e vulta calma
Que se esconde no olhar dos loucos
Internados nos hospitais psiquiátricos.

Mas os ouvidos dos outros
Nunca; nem por toda glória do mundo
Pertencerão a eles; nem por um minuto.

E o ponteiro do relógio
Marca a hora toda errada.
Devíamos era voltar atrás
Em algum lugar; onde não doía nada.

DESEJO E PENETRAÇÃO

Queria andar sempre descalça
Neste piso errôneo que é sua linguagem
Prepotente, misericordiosa
E comovente.

Queria que seus olhos fossem cor de acerola
Para – quem sabe – banhar-me
E beber sempre que possível
Desse teu olhar aprazível.

Queria poder rasgar as feridas do meu peito
Assim como rasgo os papéis em branco
Quando meus poemas não se transcendem
Na espera de um grandioso avanço.

Queria, mais uma vez, poder saber amar
E não me perder em linhas e barbantes cegos
Cegos semelhantes ao medo
Ao medo do nunca ser.

Eu queria ser tua pessoa, eternamente
Mas o romântico já se desfez de mim há tempos
E prevejo que o tempo se desfez de ti também.

Não somos
E nunca fomos.

APAGADOR

A paixão idealizada
Adentra em mim como um espirro
Escorre por suores frios nas mãos
Como o catarro escorre até a boca.

Ela toda em sua ausência
Se repete na despida carência
Despida, que de tanto nu percorrido
Se despede.

Apaixonar-se em vão não é sagrado
Não é honroso, nem quanto prazeroso
É como derrapar em calçada molhada
Escorrega, cai e quebra.
A dor permanece por muito tempo.

E de toda a dor, tiro o quê?
Não tem o que se acabar
O grude, o beijo, o descompasso
Se estes planos nunca começaram.

Mas ao menos
Estes amores apertados e regatos
Retruco, onde sempre são fracassados
Servem-me de inspiração.

SER ALGUÉM

Quando sonhamos
As cores se acendem
Coloridas e transcendentais.

Quando lutamos
O cinza escuro é primordial e bárbaro
E tentamos na agonia de um mérito inventado
Possuir a vida e prende-la na palma da mão.

Mas a vida em si, se faz no sonho.
No sonho há de brilhar-se
E as lentes do olho enfeitam-nas

Até virar pó dentro da cabeça
E se fazer concreto na parte avessa.

A parte avessa que vislumbra
Como um pano manchado
Na cabeceira da cama.

E o mundo só há de virar lama
Quando a imaginação é ilesa
E a fantasia vive presa.

NAVIO

Não diga que não tem tempo.
Tempo é filho e neto da ilusão
A ilusão envelhece conforme o abstrato vai tirando as caretas sujas
De um rosto amarelo e azedo, que não se permite fundir ao toque.
Toque para eles – por mais que ninguém os personifique – É adultério velado.

Não diga nunca
Se o tempo é ilusão; não existe
Como pode nunca ser, ter, imaginar
O que se nega?

Não diga para sempre

O para sempre é implacável, um demônio sagrado

Bocas não-pensantes falam: o demônio é perverso

Mas o para sempre

É um tempo, demônio, ouro, não pode ser tocado.

Ou talvez possa

Com a imaginação inalcançável, com teorias e leis já concretizadas sendo anuladas minutos por segundos

Talvez isto se faça uma limpeza organizada na organização humana.

Talvez se consiga o que quer, sem interferências do concreto.

Este sim é o sagrado!

Concreto, real, realizado – não pode ser mais tocado – Como ousa assim, sem pé nem cabeça, criar algo que não seja o já criado?

Pessoa doente, sonhadora, inacessível, desnutrida.

Mas eu como todas essas invenções friorentas

Eles me comem também, por vingança

Me comem sem estratégia, sem mira, sem possibilidades

Tempo, te faço uma oração

Um pedido, um desespero, uma ordem:

Me coma direito.

Como estou te comendo, desde que, por sonhadora

Me entendo bem.

COGITA-SE A CURA?

Quando se escreve e não se tem porque, não se acha porquê

O papel vira uma cartilagem de cadeira

Presa com cola bastão na cadeira de madeira

E o grafite se torna pedra no caminho perdido.

Quando o ócio te empurra para o abismo abaixo

Mas o embaixo só é uma montanha de marés altas e íngremes

Em que nada te acrescenta por aquelas horas, por aqueles minutos minuciosos

Todo o desejo de imagem de prepotência são os olhos fechados

E dentro de um sonho acordar já com a pele enrugada.

Toda a estrutura narrativa, lírica, não-formal, verbal

São criativos que o sagaz deduz para me informar

De que a minha escrita; com a cabeça quente

Já não é tão mais e quanto mais letal

Como um dia imaginei que fosse.

A melindre me acordou e me chutou do colchão

O fumo saiu da chaminé e da minha boca

Não sei se o que se destroçou foi o ar ou o meu pulmão

Me sinto selvagem e animal empobrecido quando comparo uma arma humana a um elemento em essência, da natureza.

Vai ver sou mesmo isso.
Empobrecida até o talo, até a saliva secar
A morte, depressa, poderia vim me pegar.

Mas com meus rascunhos de granizo
De grafite, papel, palavras tolas e borradas
A esperança ruge no meu ouvido que ela se negará.

ESPIRRO

Entre oligarquias obscuras e carnívoras, condensando á atos humilhantes
Lembro-me de tudo que ainda pestaneja entre meus cílios trêmulos
Pedacos de dentro e pedacos de fora de mim devem ser repartidos e compartilhados
Em simultâneas ocasiões de rejeições.

Para quando não houver o amor necessitado, sentido, sonhado
O amor esparramado para os loucos que morrem
E que acham que morrem de algo que se concretiza imortal
Iguar á um mel de colmeia para abelhas barulhentas,
Se concretiza em algum pedaço de mim.

Mas a minha solidão é a minha fortaleza.

O canto de um espirro perene e de uma infecção breve.

Um pedaço feito carne velha jogado para cachorros de rua, sem donos e feridos

Um pedaço de amor sangrento, de alguéns fantasmagóricos

Inusitados e formulados pelas ideias poucos sagazes

Do que minha cabeça se borbulha em pensar.

Eu sou o pedaço e eu sou o desejo.

O desejo de cura, o desejo de amor, o desejo de paz.

E quando caminho em ruas, estações e temporadas invernosas

Lembro-me que á um coração também invernosos

Frio, gelado e insensível

Á imagem destes desejos; á ele se desfaz.

Um coração não tem o valor merecido do mercado

Quando o mesmo se perde na briga

Da sobrevivência;

Obsoleto e gelado.

DOIS PERFIS SUICIDAS

Há a discórdia do desejo flácido
Sem arma, sem escudo nenhum
O obsoleto do amor dando gastura
A paixão não correspondia, discussões por paz e posse
O ego sentando em bocas luxuosas
E se propondo a se acabar por não achar mais passagem
Para nenhum lugar.

O silêncio se precaveu no cinza claro
De toda esta extinção acorrentada
Do que é e do que significam as injurias da vida
Mas é claro que significam algo
A vida em si, avisada, é injuriada.

Por ocasiões infelizes nossos
Não se arrepia por uma propaganda, publicidade
Convencimento e influência
De que quando o corpo nanico sai do útero
O espirito não volta mais.

Ele não dá mais um braço a torcer
“Este corpo agora é meu” Ele berra nas extremidades do ser.
Berra e anos depois a injuria quer lhe matar.
Maldito, não azucrine meu desejo de não ser mais teu.

Mas há também a vontade sólida e por vezes, também líquida
Do descontentamento descontente.
Este é o incurável dos incuráveis.
Feliz é o que acontece; e infeliz é um adjetivo que já se prometeu

Inacabável, imaculado.

Desde o primeiro dia

Onde se desprende da barra da saia da mãe.

Este é o crônico e cruel.

Cruel para quem, de fora, o vê.

Para si mesmo, não é visita, é genuíno

E absurdamente fiel.

ANTIGO VIVO

Meu passado não me condena

Ele me reluz, me transluz

Me guia

Ele me lembra, como vertigem sonâmbula

De onde tiro toda a força

Ainda persistente no subsolo da minha garganta

No aguardo.

Mas condenar?

Isto não é condenação.

A lástima, a derrota e a pobreza

Um dia voltam e um dia somem.

O cheiro de mudança te anestesia

Até os ventos lá fora soprarem como se estivessem aos berros, brigando

Querendo que o passado vá embora, chorando.

O passado existe

E quando não se pode vê-lo mais

O costume te faz acreditar na sua não-existência.

Mas ele está ali ainda, encarcerado e contigo.

Porém não mais te atormenta em rodeios brutos

E agora pode te tirar sorrisos

Com um presente que chegou em sua porta.

Mas ainda se habita, algo de estranho.

Quando eu me olho nas fotografias antigas e nos sorteios sangrentos do passado

Quando eu me olho, quando eu me vejo de verdade

Quando eu olho nos meus olhos, e com um rosto ainda em fase de crescimento

Eu não gosto do que vejo.

Quem eu fui ainda continua sendo quem eu sou

Mas o hábito de esconder e se esconder entre paredes

Me dão a impressão de que posso ser eternamente camuflada

Pelas cores desses concretos estabilizados

Mas onde não sou eu.

Não sou concreta

Muito menos estável.

Não sei se existo

O meu reflexo não é a premunção da realidade
E tomando todo este conhecimento agora em mim
De tanto fingir, imploro por pouco de piedade.

Não sei quem me dará
E não sei quem me dirá
Se isso um dia chegará a ser mentira.

Mas esta vida, a que eu espero passar
Não tem mira.

ACIDEZ

Me sinto cansada
Traída e abandona pelas palavras
Estas
Sempre tão fieis e honrosas a mim.

E elas vão embora, não se importando
Com o meu nu que vibra em desespero
Com meu olhar ocioso e partido
Feito vidraça de esquina quebrada pelos chãos da rua.

E isto foi um dia, honra?

O subjetivo vai embora e só a superfície permanece.

E isto foi um dia, fidelidade?

Me sinto suja, podre, acabada.

Quando este dom de me escrever com palavras

Em uma linguagem que desata o nó, deixando respirar

Os hematomas das partes amarradas

Me empurra no chão empoeirado de madeira

Espanca-me

Até o roxo parecer alguma espécie de significado para o meu futuro

O fechar os olhos iludia pouco a pouco

A morte e a paixão.

Viver nunca me pareceu tão raso e fraco.

Sem este mundo que imagino e crio para mim mesma

Nunca há de existir

Todo os meus ossos se contorcem

E sem mais nenhum toque

Vira aço.

TÉRMINO

Porque é esta, a insondável imagem da morte
Que me chega e me acolhe
Quando as coisas desandam?

O desandar bem que poderia ser
Sinônimo de sucesso.
Pois a minha vida só anda em correto nos trilhos
Em pleno retrocesso.

Queria ter a atenção implacável e exata
Mas não ao que me falta.
Disso já sei, e já quase me enforco
Na terra gelada que piso onde habita só o remorso.

Antes de ter o tal desejo
De acabar com a minha matéria
Desejo, ao menos uma vez
Sentir o gosto da alegria
Doce e quente, e sob a língua
Permanecendo assim, macia.

melindre

Quando me encontro sozinha

Me acho, me perco

Apenas sozinha.

Minha espera de vinda

É insaciável, e quase onipresente

Quando em companhia

Minha solidão me deixa

Quebrando muros que construí

E os pedaços, feitos de cacos

São retratos dos destratos

Penosos e odiosos do que já vivi.

Angústias que se prezam

Quando a solidão volta para mim

Sempre outra vez

E penetra como mais do mesmo

Como rei.

FOTOGRAFIA (II)

Nossos olhos são como máquinas fotográficas

Elas devem ter sido programadas como imitação do nosso dom

Em eterno aprendizado de olhar

Em foque, e no desfoque

Se foca no fundo quando é propício

Se foca na frente quando quer; e se aproxima quando quiser

Meus olhos sentem os desfoques da máquina como se eles mesmos tivessem sido desfocados.

Ele procura incansavelmente posições, enquadramentos, estruturas, pessoas

Tudo que se pode dizer esteticamente belo

Depois que o tempo passa

E passa fluindo; como amarelo.

Mas nossos olhos fazem melhor

E a memória melhor que os olhos.

E tudo se abstrai guardado.

Como a imaginação ousa

Ser mais real que um registro fotográfico?

Que uma criação humana?

Como a imaginação ousa

Ultrapassar a superioridade da memória?

Quase chegando ao nirvana?

O que nossos olhos enxergam não tem remédio de cura

E muito menos o que inventam

Para guardar como registros de luta.

DESPEDAÇO

Eu estou parada aqui
Em frente á dez, vinte, cem pessoas
Mas ninguém me olha
Ninguém me vê.

Estou falando em frente á dois ouvidos.
Dois, quatro, seis ouvidos
Mas ninguém me escuta.
Ninguém me ouve.

Estou sorrindo em frente ao espelho
Em frente á mim, em frente ao eu
Em frente ao oculto, ao inexpressivo
Mas quem conhece do que ele riu

E do que ele chorou?

Meu sorriso chora

E não acha ombro amigo para chorar

Por isso ele sorri

Só pra testar quem vê a dor e quem vê a culpa

Quando eles fazem questão de apertar meu rosto

Como máquina de lavar

Em processo de centrifugamento.

Sábado a máscara aparece ainda mais para preencher

Meu vazio tolo e lubrificante

Para o mundo pensar que possuo tudo que quero

E que tudo que quero, consigo.

Se juram todos honestos

Mas caem em mentiras

Quando falam ao meu respeito.

Estou sentada em um sofá

Eu só vejo vultos passarem ao meu redor

Eu não consigo olha-los nos olhos

E nem eles para mim.

Pois eu não existo para eles

E eles também não existem para mim.

O ESSENCIAL

Certas coisas nunca mudam.

Inclusive nós mesmos.

É ilusão, penso eu

Idealizar que as pessoas um dia mudam

Nossa ação, gesto, ato

Isto há de mudar, isto é fato.

Mas aquele ser insolente
O sombrio fantasma dormente
Este não há de evaporar-se
Este é singular.

Não há como fugir, escapar, dissipar
Conhece ele, se inventa, se cria
Por ora, em hora inoportuna
Ele há de penetrar.

Mas há de cuida-lo
Como cuida do seu trabalho e afazeres.

É sua chave mestra
Quem tem ensinará verdadeiramente
O segredo do som harmonioso
De toda a orquestra.

MUDO GRITO

Eu tenho um milhão de perguntas para fazer á vida
Me dá tonturas, náuseas, vultos
Quando não penso em algum túnel

Para descobrir toda essa saída.

Eu queria que a vida fosse pessoa
Minha irmã, de alma e de sangue, bem corada
E partilhar da mesma mãe e do mesmo pai
Seria a mais sábia matriarca
Aquela que nunca cai.

Meus amigos diriam: "ela é especial"
Muito à frente do seu tempo
E muito inversa; com o pé atrás
Do teu honrado lamento.

A vida iria ensinar e aprender
Ela, de tão velha
Nem saberia mais se pronunciar.
Me daria dicas, pistas, avisos
De como usufruí-la.

Mas quero mesmo usufruí-la?
Eu a pergunto sempre.
Ela já usa cadeira de rodas
Mal consegue andar
Coitada da vida.
Eu não quero aproveitar-me dela desta forma.

Mas ela insiste em proclamar
Que não se importa.
Sou jovem, estupidamente nova

Onde tudo se vai tão rápido
E se esvai como foguete
Pela porta.

Talvez ela já tenha sido minha irmã
Em um segregado lugar
Um lugar onde nem deus mesmo lembra
E o inconsciente faz questão
De manter em confiança.

17:32

A realidade não me contempla.

Quando me lembro inusitadamente

De receber o presente

O presente já se foi

E se foi, se pondo.

Alguém lembrou de transforma-lo em passado.

Maldito seja esse alguém.

Por quais motivos estas transformações parecem mais reais

Quando não existo mais nelas?

Um poema causado pela angústia da falta de diálogo (Eu nunca me dei bem com diálogos)

Eu espero inutilmente que todas as pessoas venham me procurar no fim do dia
No pôr do sol, aonde o brilho se esconde
E o sombrio se enfeita nos semblantes das espécies estranhas e humanas
Pois eu não sinto que sou um deles.

Ou talvez eu seja
Mas em um processo inédito, nunca antes visto
Talvez em decomposição, um restante de carvão
Com uma cor amarelada e um cheiro de validade vencida
O direito e o esquerdo não associo mais o que os difere
Eu não abstraio o senso das direções
Mas não as entendo
E nem nunca vou entender
O porquê de existirem.

Todo verbo solto pela minha voz arranhada e infantil
Até agora, por acaso
São falhas do meu sistema íntimo
Insistente em me empurrar para fora do jogo.

O jogo de quem se adapta

E quem não conseguir vence-lo

Morre.

O sentido da morte que dou é o de morrer todos os dias

O de relevar-se a importância de um sorriso genuíno

Onde absolutamente ninguém repara

E ninguém repara

Pois és o perdedor do jogo inventando por um outro quem

Com ideias de deus comandando seus iguais

Como se o mesmo também não fosse inferior

Causador da destruição de milhares de sonhos.

Os sonhos se perdem, e todos eles também

E não percebem que quando matam os sonhos

Matam a si mesmos também.

Tudo se perde e a sobra é a produção arquivada da esperança

De alguém um dia se importar

Em me procurar no final de um dia qualquer

Quando o sol sai, e parece não chegar nunca mais.

Quando perco o jogo

Pela infinita vez.

Pois eu não me adapto.

Então eles quebram

Meu único espelho que criei

E me matam.

maciez problemática

Então que eu sinta toda essa confusão inexplicável

Eu sinto e falo e é incompreendido

Pois que seja incompreendido, assim

Sem mais ou menos para atrapalha-lo.

Pois nem eu mesma entendo todo esse mistério pintado e importado

Causador de problemas escrotais.

Eu não quero ser causadora de um problema

Onde eu mesma inventei.

Criei, na minha cabeça tornei real e expurguei

Quase como chamas saindo da boca

Com olhos frenéticos e escandalosos

Isso faz parte de mim

Infeliz lado.

Parte e reparte para o resto dos olhares ao meu redor
E me observam como se eu estivesse em cima de um divã
Como se eu estivesse sob análise
Como se eu estivesse em meio á um tratamento de choque.

Nada é pacífico e sereno
O que será que as pessoas interpretam de errôneo que sangra tanto em mim?
Pois o meu problema é meu.
E elas me negam, me excluem do direito de uma noção

Mas ele é somente meu.
Pensam que é compartilhado pois tudo é fruto do ego e do compromisso
Mas ele é meu.

E não falo isso com felicidade ou aceitação.
Ele é meu, mas não queria que o fosse
A lata de lixo está do meu lado
E vontade é tanta
De arranca-lo e jogá-lo aqui, como todo este entulho.

Eu morro engasgada há tempos, na ferrugem
Com um lixo em forma imaginária
Dentro da garganta, dentro dos olhos
E distante da esperança.

caminho sempre contrário

Será que se as pessoas soubessem

O quanto fere

Suas palavras impessoais e desprezo nas conversas

Elas continuariam praticando as mesmas ações?

A realidade deles não se torna coletiva

Quando preciso queimar todos os meus papéis passados

E memórias excludentes, me pesando as costas;

A realidade da que falo aqui
Não é a mesma que vivo.

E é aonde a dor tem um início
Mas já está no meio do processo.

Um fogo guardado não serve pra nada
Se explode
De que vale essa explosão
Se acontece do lado de dentro?

O guardar não é necessário
O lado de fora não precisa saber
Mas eles olham para o fundo.

O guardar não é necessário
Não precisarei dele em momento algum
Eu digo só por dizer, da boca para dentro
Eu não pertença a lugar nenhum.

o que as
mães não dizem

Se um dia

Encontrar-se com minha mãe ao meio dia
Atravessando as ruas entorpecidas
Ou dentro do ônibus lotado
Com suores indesejados entrando em seus poros
Verá que ela nunca para de sonhar.

Será um alívio vê-la avoada em meio à multidão.
Palpitará subitamente
Seu coração.

Não a diga, em hipótese alguma
Que tenho medo de viver.
Não a diga que estou com medo.
Ela viverá com um gosto de culpa azedo
Dentro do paladar
E o mal-estar, seu inerte azar.

Não a diga que desejo, por ocasiões desesperadoras
A morte.
Não a diga que ainda mantenho podre, todo esse corte
O meu segredo está no papel.

Mães sempre tem uma certa tendência a guardar um mel.
Um mel tão único
Que este nome foi inventado para não ter rima.
Minhas mãos se secam
E elas continuam ali.
Porque?

Não a deixe saber que tenho medo.

Estas minhas palavras sempre serão usadas

Como espécime de brinquedo.

Eles são destruídos

Mas há de renovar-se senão forem assassinadas.

obsessão

Sua mão que se repousa em meu ombro
Tão delicada e graciosa
É a mesma; e tão viva
Que me destrói, me machuca
A que deixa vestígios de neurose palpitando
Infestado em minha nuca.

Todos os conhecidos sabem que sou alguém digna de miséria
Todos eles sabem que ando por todos os cantos
Confundindo as coisas.
Coisas com não-coisas.
Mas sobre sua nobre coroa
Não desconfiam jamais.

Só deus sabe o porquê.

Agora uso luvas dentro de casa
A chave emperrada na maçaneta é, contra tudo
Minha arma.
Neste momento não me encontro digna de algo
Ou digna de alguém
A tristeza remedia a dor do caos
E da dor que o outro não tem.

É toda sua, quase toda.

Digo isso para mim mesma.

É minha, toda minha.

Todo horário marcado inusitadamente

Do que nunca vinha.

Aquela tal pontada

Da sábia, da fiel euforia.

É a falta dela impedindo de me manter

Fora dos teus braços

E agarrada aos meus

Como escudo.

desmedida

A vida é como água, líquida

E soa tão leve

Mas pesa, quando despida

E sangrenta, quando enrustida.

Desamá-la não é pecado

Pois a mesma, com um sentido

Se é que acha algum
Já perde-se no próprio sentido.
Já se perde, na esperança
De um dia poder ter sido nítido.

E eu chego a me afogar no inconfundível
Líquido desta água
Braços e pernas agarram-me ao dismantelo
Nesta vida
Onde cheira a veneno.

Em um mísero gole, pequeno
A morte já vem, estupidamente
Fantasiando-se, assim
No conseqüente sereno.

A criança ainda mora dentro de mim

A única alternativa que me resta é de ser áspera
Egoísta; no piloto automático
Rastejando como uma lesma sem direções, no desvario.

Não posso, na certa

Deixar-me á mercê das minhas emoções
Tão caudalosas e desprevenidas.
Irresponsáveis.

Como se ninguém soubesse o que elas fazem
Quando o corpo permite apaixonar-se por elas.
Sangue escorre, e eu me arrependo de ter me crucificado nesta estaca perpétua de pureza infantil
Arrependimento não mata, mas corrói
Sinto na carne pecaminosa como uma cama velha sendo comida por cupins

Morar atrás de um espelho é clamar por insegurança bem alimentada, nutrida, saudável
Eu devia alimentar os seres vivos, não essa besta viva usurpando de moradia
De favor.

Endurecer é virar pedra, parada, deixar de crescer.
Se endureço-me; não serei mais
A bagagem sonâmbula das minhas entranhas
E sem isto, me permito, o adoecer.

vida urbana

Nenhum professor é semi-deus
A professora pode até ser
Mas nenhum deles jamais me ensinaram como crescer

Vivendo a vida no deleite.

Eu venho procurando por anos ininterruptos de toda a inconstância angustiante da rotina
Que como um fantasma; me persegue, e joga fora um resto estragado de bálsamo
Como sentir-me bem e cheia capaz de ser feliz.

Mas ninguém me ensinou a ser feliz.

Os colégios onde estudei, os estudos acadêmicos
São processos de amadurecimento para quem?
Só há o lamento por pessoas maquinadas que vivem em cima desta verdade.
Ou embaixo.

Todo mundo cobra a felicidade e diz sobre ela
Mas ninguém nunca me disse como eu poderia sentir isso.
Eu aprendi que eu era triste pois as circunstâncias jogaram no meu rosto,
Forte e violento como um soco.
E eu não sei bem se ela está conectada com as nossas vidas manipuladas de profissão e estudantil.

Não sei mesmo,
E não faço questão em buscar a resposta.
Na oralidade de tudo a minha percepção se agrava mais.
Ninguém ensinou-me a ser feliz e mesmo que soubesse que sou
Ainda sim, não sei se sentiria, não sei se agiria como tal.
O ensinamento é aprendizado, e eu nunca aprendi de fato
O sabor desse gosto.

Eu penso por muito tempo e não paro nunca
Para viver bem e não só sobreviver é preciso despreocupar o pensamento

Mas eu não paro, eu não despreocupo

Eu não devo ser digna dessa sensação; o de parar de pensar em si existencialmente e realizar somente o concreto.

Mas a imaginação para mim é vida real.

Para eles é bobagem, falácia, coisa boba.

Viver aqui é o motivo da não-felicidade

Ninguém me ensinou a ser eu e a ser o que eu quero e por isso nunca serei feliz.

Me mantenho em uma prisão dentro de mim, eu não consigo deixar de ser eu por hora nenhuma.

E a felicidade se alimenta de um baile de máscaras onde todos se asseguram de si mesmos apenas segurando a máscara.

Ser eu; em lado pleno e de uma matriz significativa

Me torna triste.

E escrevendo tudo isso agora

Eu ensino outras pessoas não merecedoras da tristeza

A serem tristes também.

(Assim como eu nunca fui merecedora da felicidade que me conduzem)

angústia da ignorância

Eu engulo algum dicionário antigo
Para a sapiência poder se estabelecer
Em todas as minhas células em estado de socorro.
Mas a mente transcende o corpo
Ela não vê, não analisa
Não distingue o vivo ou morto.

Chego á suposições errôneas
Descabidas de um prazer
Que sempre soube ser fiel aos acontecimentos pobres.
Mas o conhecimento de não saber
É o descontentamento de não me dar norte.

Não me acho párea para me enaltecer
Não o bastante.
Estou viva
Mas nunca no instante.

Os muros invisíveis e visíveis
Que mesclam na minha autoestima líquida
Nunca são quebradas ou demolidas
Pois a demolidora sou eu
E eu nunca aprendi como demolir muros.

Eu percebi com as malas desfeitas
E com os quartos sujos
Uma inevitável dor de acanhamento
Para com as vantagens postas do meu destino.

Eu queria ser tão pouco
Mas eu sou muito, ilimitada
Para um mundo tão pouco
Com dezenas de limites,
Calculando até a sentença dos loucos.

arqueiro antagonista

Ontem quase morri novamente
Pela milésima vez
E a ideia e o ato ainda me parecem tão macios como pluma
Como se fosse feito para aconchegar-se
E dormir até alguma espécie de desgaste se consumir.

A imaginação sai para dar lugar
Ao entorpecido
O entorpecido se desfaz e refaz
Cometendo derrotas de ilusão;
E por dentro a carne é a que sofre.

Ilusão
Sem um grão de amor para algo
De bom florescer
E por dentro a carne também morre.

O medo não é mais medo, se tornou obsessão
É uma mentira disfarçada
De romance
Todos aplaudem, mas o aplauso é tão forte
Que a dúvida se instala e o rosto se repreende
Quando se encontra contente
E o buraco desse sentimento

Não tem escolha, não tem passaporte.

Quando o alívio se encontra comigo

É desesperador por outro âmbito

Se não enlouquecerei agora, enlouquecerei amanhã.

Sinto tantos extremos

E os extremos levam a loucura condensada.

Não me reconheço mais.

Olho para os lados e não vejo ninguém

Prédios, construções

Toda essa corrupção do lado de fora corrói o lado de dentro

Com uma flecha, disparam por trás

Nunca na frente.

E eu morro sem saber

Quem foi o responsável pelo meu ferimento.

Eu não descanso em paz.

corrupção biológica

Eu sou esquisita, estranha
Meu rosto não é bonito
Nada em mim me agrada
O espelho é uma metralhadora que me mata todos os dias.

Quando reparo no meu jeito de andar, falar, gesticular
O ódio consegue subir em níveis fantasmagóricos
E me assusto com todos estes sentimentos possíveis de se sentir
Toda vez em que reparo em mim.

Meu entusiasmo, ânimo, nunca é o suficiente
Para fazer as pessoas ficarem
Quem permanece é a obrigação do ser.
A obrigação de ser no ter, apodrecendo
No descortino do sorriso apagado.

O que direi aos meus antecessores e aos primogênitos?
A fraqueza me humilha como joelhos ensanguentados
Em cima de feijões

Eu direi, com uma mão apertando o peito

Não sou um deles.

Não sou de nenhum deles.

Minhas fibras de borracha hibernam-se em um contexto miserável

Um conto de fadas empoeirado na prateleira

Da biblioteca fechada.

Ninguém nunca os lerá.

Adormeço.

Alguém sequer está lendo isso?

Uma morte é sempre mais forte

Do que a própria vida pode ser.

interpretação

Meu amor

Se permanecesse ao seu lado

Para servir-me de cais

De seguro, de estável

De segurança

Ainda permaneceria ao meu lado?

Sem nenhum trocado, estado de alegria

Ou o certo medo de correr

Para fora do estado.

Ajudar-me a viver só, sem ninguém

Mas estando contigo

Ainda me encontro só

Então com que diferença isto se apropria?

Tudo está seco e deserto.

O piso da cozinha e as bocas dos fogões

Esguios de empoeirados.

Eu sinto tanta dor neste momento

Mas nem eu mesma sei me socorrer.

Eu virei um bebê novamente

Por não saber viver só.

Quando finjo viver a vida

Viro uma atriz em uma peça de teatro

O papel principal,

E sem saber o que é principal

Nunca saí de cena.

E que cena desagradável esta

Onde não obtenho mais os pés no chão do palco

E ninguém me traz água

Pois meu fôlego não se sacia mais só com a satisfação

De estar com a carne no palco

Este chão de piso duro onde já caminharam tantas histórias

E eu suo, suo frio.

Desmaio.

No clímax da peça,

A emoção da multidão foi interrompida.

Eu não sei cuidar de mim
Eu sou chorona, tão criança
Experimentem colocar seus prantos de infância de frente ao mundo
Os obscuros, deixados no canto da porta de ferro
Da entrada de casa, encaminhados para o lixo.

De passagem em meio aos sonhos
Do teatro, desengonçado.

Se soubesses que a história que assistiu no teatro
A interpretação tão sôfrega
Fossem os fatos escondidos
Do meu saber empírico,
Ainda estaria ao meu lado?

A minha escrita é o meu teatro.
Meu teatro é o meu sofrer.
O pisar na lama sem tempos para retrocessos
Você diria que seria capaz de me salvar?
Me salvar de mim mesma,
Como todas estas palavras que escrevo
Me salvam
Por uma fração de segundos?

Se disser que sim
Estará mentindo.

E eu não tolero mentirosos.

presságio nefasto

Quando não penso em nada

Estou pensando em tudo

Quando penso em tudo, por uma fração de minutos

Me torno uma máquina de autoconhecimento:

Estudo o estudo maior da humanidade

O estudo de mim

Me analiso, minhas formas, minhas linhas

Minhas unhas, as formas como meus pés se sustentam no chão

O meu entrelaço nas conexões interpessoais.

Me empalideço, no novo

No novo que se parece velho

No velho que não demora a tardar no inédito

Luxo da existência

Para quem sabe o que significa existir.

Lembro por vezes que existi tanto

Já não cabia em mim mesma o tato das esperas
Das janelas entreabertas, do sangue nos olhos.

Lembro por vezes e por poucos esquecimentos
Que existi tanto, e então a loucura me evaporou
Como ventania paradidática.

Aprendizado pela manhã de sol
Susto e sombra na mata escura da noite
Corrosivo na caminhada,
dentro da desimportância de onde ela me levará.

Para a beira da estrada ou quase morte?
Os dois se beijam de língua
Não interrompo o falso cativo que isto causa
Se retificam outra vez
Ou se na tempestade calorosa, se mingua.

partido

Tudo que sobra é pouco, e se torna o vazio do oco
O vazio é uma forma pungente de olhar para si

Como um olho mágico intercepta os encarregados de penetra
Na porta de madeira da casa barulhenta.

Mas estes olhares fugazes de tão enfadonhos
Me dão asma de quase socorrer-me para a emergência dos rios
Pois o olhar é tão cheio de páginas em branco, da falta de procura consistente da vontade
de adaptar-se
E de queimar ali como fogueira no sexto mês do ano.

Quem vive sem vida são os anti-merecedores da vitória com gosto de maçã mordida
Quem vive e não olha para si e os lados cercados de muriçocas
Está enxergando a glória como um precipício.

Me julgo e me puno por odiar tanto aos apegos inconfundíveis de ilusão imediata
Tanto que me odeio mais que a vida por me nascer em horas nas constelações de astros tão
precárias de amor próprio.

No peso, carência, apego, quentura, profundo.
Nasci funda;
Bem no raso.

Nasci entre e com partidos destrutivos em um mundo que não merece o brilhar de olhos
sinceros
Ingressei nele por descaso de algum cometa.

só isso

Não são só beijos em bocas
Não são só corpos suando juntos e fundindo gozo
Não são só palavras duras
Não são só saudades, distâncias, como copo de vidro
Que se quebra e se esquece.

Eu nunca diria isso para mim mesma.

Só?

Isto nunca é só, são multidões de energias vitais e engenhosas
Questionando-me o porquê de não achar o “só”.
É fácil, mas questiono, indago, não desisto.
Não aceito o só.

Eu não acho, nem mesmo procuro
Minha carga não veio a divisar tudo como divino e belo
Com cheiro de perfume importado,
Descortinando toda a audácia das malícias.

Eu não sou só este peso, esta imagem, este rosto.

Eu sou só,
Mas não sou só o que fizeram de mim.

prostituição

São dois,
Três, quatro
Dez, vinte, trinta
Cinquenta.

Espécimes fálicas penetrando no bem-estar do mal-estar da rotina
Da vida, do dinheiro como forma de rei
Do pedestal que abomina.
E o ganho do bem é bem de ganho das crias famintas.

Ele manda, ele assina, o corpo de todas
Mulatas, pardas, pretas
E as refina.

O dinheiro é alto
O gozo é falso.

Uma pena para eles

Se as próprias tivessem com quem compartilhar seus segredos e sonho insaciáveis e nunca dignos de um alcance majestoso.

Mas que luxo? Aonde?

Minhas dores não são luxo, minhas dores existem ali
Em cada sexo pago.

Eu nunca olhei nos olhos de uma mulher

E ouvi alguma delas dizer:

“Eu quero ser prostituta”.

Os olhos não brilham quando a obrigação

Lhe puxa pela orelha.

mulher quando negra

A solidão dói, fura a carne com seringa
Eu quero uma mulher que fique ao meu lado
Uma companheira, buscando os mesmos valores
Amenizando as ausências, os soluços,
Os lapsos de tempos inconstantes.

No entanto, eu olho para ela em contextos ultrapassados
E a pergunto: "Vamos tentar?"
Elas respondem, quase como um coro:
"Desculpe, nada sério. Só ficar. ”

Cuspindo o peso de um atrito
Criado na minha mente fantasiosa
Onde o amor regeria os meus gozos, voos, salivares
E quedas na desproporção odiosa.

A solidão tem nome.

Raça, sexo, fome.

Toda vez abandonada
Somatiza e se expande:
O salivar seco das ausências e a extinção do brando.

acusação

Eu queria sentir mais ódio pelas coisas
Mas quando me auto analiso
Me pego sentindo amor por elas
Pelas coisas desprezíveis e impiedosas.

Já me maltrataram e foi se repetindo
E a repetição é um modo de dizer-te:
“Não me arrependo”.
E paraliso no ato, não rebato na pobre química
Porém, o arrependimento é outro:
Faço muito, por fazerem tão pouco.

Eu não sei se o meu riso
É riso contente, ou riso de choro.

Mas possuo um ódio específico
E ele se alavanca mais

Quando penso somente em mim
Por amar tanto as coisas
Que não merecem ser amadas.

E me desprezo;
Revisando a minha análise sobre mim
E por assim saber
Que sinto-me tão responsável
Por tudo que já me fizeram sofrer.

reflexão sobre ter ansiedade em dias de inspiração

Tenho um medo inebriante
De que aquele homem vá ser melhor que eu
Mas já não é?

Seus gestos, suas falas articuladas,
Sua manipulação tão exata
Me faz perceber
A estátua cravejada que eu sou.

Ele é melhor que eu,
Pois é capaz de se mover.

Me mantenho dura, parada, ilesa.
O medo me paralisa.

Eu tenho um receio absurdo
De perder o ônibus da meia noite
De desmarcarem um encontro tão suposto
Onde minha cabeça enlouquecia em calcular
Tanto seu acontecimento;
Enquanto eu procuro alguma camisa velha para vestir
Onde eu não me sinta tão asquerosa
Quando estou vestindo-a.

Eu tenho um pânico do futuro que está por vir
Até o futuro
De dez minutos seguintes
Onde eu prometi para uma amiga
Em ir encontra-la
Em frente ao cinema.

Eu tenho um receio
De algo me impedir
De chegar na porta do cinema.

Meu sentimento de menos-valia

Vale mais

Do que toda a construção

Que o próprio já construiu;

Eu tenho o pânico

De que as coisas se terminem logo.

Namoro, amizade, projetos,

Objetivos, sonhos.

Se terminem ou se cheguem

Ao ponto final.

Pois após isso

Não sei no que dará

E não saber no que dará

Não haverá nada mais

Para se pensar.

Há de se viver

E viver

É o processo das coisas;

Viver não é o final.

E as ideias de finais

Me agarram com cordas vocais,

Gritando aos meus tímpanos

Elucidados.

Eu não sei viver.

Eu sou mais uma

Quase-cega pela venda

Da ansiedade.

uma conversa comigo mesma

Eu tenho asco de mim.

Nojo, repúdio ensanguentado
Pelo suor das coisas malfeitas
Por mãos disformes e falta de coordenação motora.

Sei que tens asco de mim também.
Pois leio corpos, olhos e gestos
Tu achas que não sei te ler
Que te observo, só por observar;
Eu vejo teu asco.

Mas não tenho asco de mim
Pois você o tem por mim.
Tu só és alguém que enxerga sem máscaras, sem rodeios
Ou rodeios, te maltratando a cabeça
Eu também enxergo assim.

Será isto um sinal
De inteligência confundível?

Ninguém entende teu asco.
Já me disseram que era um ponto fraco
Sentir este asco, tão forte,
Me sugando o afago.

Mas eu não me importo.
Tu também não devias se importar.

Aqui, com quem eu falo
Sou eu mesma
Tendo asco de quem está escrevendo isto
Do lado de cá.

baratismo

Eu queria ser uma poeta
Capaz de recitar meu nome
Na identidade, no mercado,
Na rua, na calçada.

Mas sou daquelas poetas
Vivendo em cordas, amarrada
Com os próprios neurônios nulos
Absintos, sozinhos, pesares.

Mas nem eu mesma gosto de me denominar poeta.
Eu mesma repudio
O ato de pronunciar meu próprio nome
Em alta voz.

Eu queria ser uma estudante
Capaz de estudar
Mas infelizmente o meu capaz é só a capa
De um futuro ambicioso que não satisfaz.

Eu queria ser o que eu acho que eu sempre quis ser
Meu platonismo me agrada, eu não nego
Mas a queda no piso dói como aqui,
Dói como se não fosse mundo de ideias nenhuma.

Não sei aonde se perdeu
O meu valor.
Mas ele vai ficando mesmo;
Sem algum mísero sabor.

Com as inconstâncias desprazerosas
De vãos esperançosos
De encontrar-me em algum sentido
Que me dão.

Eu cato intolerâncias de rótulos
Cabíveis ao ego perdido.

Eu não sou ninguém.
E meu ego não é nada mais asqueroso
Do que o dinheiro ganho

Pela minha autoestima de fundo de poço.

prudências adormecidas

Tenha cuidado com a religião
quando ela se aproxima em foro íntimo
Tenha cuidado com sua família
Quando ela te ordena demais
Sobre o que se deve fazer.

Tenha cuidado com os amigos
Quando os mesmos escurecem a visão calcada
E engatilham tua fatia de raiva

E usam-na em casos de corações vazios.

Tenha cuidado com o martírio das palavras

Sanguessugas, óbvias ou incógnitas

Qualquer peso em cima das costas

São avisos

Recolhendo as expectativas das apostas

Postas á ti, em ti.

As tentativas de se chegar ao céu

Já são prontas e findas

Mas são feias, horrorosas; suas expressões

Todos eles, discretamente, revidam as feições.

Só se mantenha no cuidado

De revidar-se, escorregando no limo

No encargo do necessário.

Onde o ambiente sangra, bruta

Desfalece e renasce

No próprio cuidado

De manter-se como é.

o asco de ter pessoas ao redor

Queria compreender algo sobre começos.

Recomeços, renascer, resguardos

Mistifica-los como um espécime de esoterismo

Tanto quanto me dilaceram, como me fazem crescer.

Mas tenho uma síndrome de Peter Pan devorando-me

E o faz, como um peso letal para o estômago.

A minha compreensão vai além,

Mas não se adequam aos ensinamentos do aquém.

É preciso garra, ímpeto, força.

Ter a avidez necessária capaz de não enxergar

A malícia, a cruel repelência assolando

Os pobres e coitados, em locais onde não deveriam estar.

A felicidade toda morre com o conhecimento.

O saber; o empirismo muitas vezes lhe é ordinário

Mas o trabalho não é só dele.

A força se derrete com o calor sanguíneo

Das calçadas, praças e festas aglomeradas.

Quem lhe cria o temor

É o mesmo que lhe cria a glória?
Tendo filhos, nesta história
Seu legado é abatido em bater-lhe no rosto
Da amargura sem merecimento.

Me deram teorias
As discordei
Todas elas são um abuso de consciência
Para manter-me no astuto da sociabilidade.

Na qual nada adianta para um recomeço
Ou mesmo, para a vida.

Eu não mereço estar ao redor de pessoas.
Eu não mereço esta tortura
De forçar-me a adentrar por mim mesma
Neste cenário de múltiplas facetas.

Eu me mereço.

Peço sinceras desculpas
Mas não sei praticar recomeços.

fases minguantes

Refém da minha introspecção

Presas em mim.

Ou talvez liberta do resto

Pessoas, lugares, momentos.

Só comigo

E nada mais.

Meu eu não é um ciclo, não é instável

Não é fugaz, efêmero.

É permanecedor, e quão brilhante permanência é esta.

Na qual se instala, liberta e conserva

Mesmo sentindo-me tão terrível.

Esquecida, abandonada

É o arco das consequências de me sentir por inteira.

em mim existe tudo
em tudo existe um pouco de mim

Eu poderia andar a cidade toda á pé
Os maiores combustíveis já criados
Existem em mim.

Eu poderia pensar em como todos se sentem
E como se sentem, tão diferentes de mim
A maior força de expansão mental
É toda minha.

Eu poderia dizer palavras doces, encantadoras
Sorrir enquanto me embriago
E no dia seguinte não as sentir mais,
Saindo por culatra alguma.

Todas as doenças mentais já inventadas
Existem em mim;
Em todos nós.

Eu poderia criar todos os abismos
Que nos impedem de chegar até o final
Até as conquistas, avanços e concretizações.

Pois o meu maior inimigo
Sou eu mesma.

neurótica

Certo dia conversava com uma semi conhecida
E a contei sobre o meu passado, o presente esmorecido
Torturas e traumas, latejando no peito direito
Espancando-me por dentro, e eu, sem saber.
Na minha audácia de ser, reprimia.

Ela se encontrou contente
Para ela, eu estaria a desabafar sobre minhas injúrias
Validando confiança ao falar de mim.

Em minha visão sórdida, isso nunca passou
De mais uma forma minha
De chamar atenção.

Ou talvez ela esteja mentindo.
Talvez não se contentou com nada.

Só em ver agora o meu ponto fraco
E destruí-lo como laço,
Quando verbalizar para o mundo
Sobre o ser humano imundo
Na qual teria conversado no sábado.

máscara

O dono do bar perguntou-me
Se eu era um homem ou uma mulher.

A vontade de enforca-lo, joga-lo em uma lareira próxima

Quebra-lo ao meio, e esquarteja-lo

Surgiu.

Como uma veia pulsando, como um coração acelerado

Foi tão depressa, e não fui capaz de filtrar-me

Dos meus próprios pensamentos.

Ser confundida com outra coisa senão o meu sexo

É não estender a mão, deixar-me morrer no fogo

Como uma bruxa, queimada viva

É permitir que eu morra pela aparência; neste jogo.

Disfarçada entre todos eles.

Mas quando se aproxima, eu não sou igual.

Vão usar-me como depósito,

Assim como fazem com todas, no final.

Como um bebê não identificado

Como criança; nunca adulterado

Isto me torna especial ou uma aberração?

Eu não o matei, conforme meu delírio

Ao invés disso, eu sorri

Amarela

E respondi:

Uma mulher.

Mais uma.

o amor na fase adulta tem gosto de vinho

Eu fui dormir
Em inocência, pensando
Em esquecer-me de você
Enquanto adormecia.

Os sonhos intensificaram-se o subconsciente
Aquele mesmo, o que clama por você há dias
Sem parar.

E na minha leveza do ser, de me acalmar
Intensifiquei ainda mais
A estranheza dos meus ossos pálidos.

Deslembados pela minha falta de apetite
Desde que desligou o telefone em meus tímpanos ousados
Após ter decidido
Não estar mais ao meu lado.

E que lado seria este?

São vários, se posso me permitir dizer.

Mas o meu pior lado seria

O ingênuo; com uma máscara para embrutecer.

E quando adormecer

Cogitar a possibilidade de esquecer-te

Nos sonhos confusos da memória desequilibrada.

Eu te perdi; e você foi como um sonho

Um sonho que durou meses

E depois acordei-me, chorando

E com o peito dolorido até a noite de hoje.

E nesta noite se completa dois meses em que acordei

E volto a querer dormir novamente;

Para me enganar.

Não para te esquecer

Mas para te encontrar

Perdida por dentro,

Dentro de algum órgão adoecido.

E com um sabor daquele vinho suave em minha boca

Onde quase consigo sentir o gosto do teu corpo

Quando me concentro nele

Por fecundos tempos de renúncia.

Mas penso que a minha cabeça tem um poder

O de te expulsar, o de te cuspir

Dos vestígios das recordações

Como inumano, para fora do ser.

do lado de fora

Eu queria escrever de forma única

Uma forma que fosse só minha,

Sorrir de forma nunca vista antes

Fazer acontecer sonhos

Que fossem só meus.

Não me enaltece a sensação

De alguém um dia já ter sentido a mesma sensação

Sentida pelos meus poros, unhas e veias

Passando pelo mesmo cenário

Apaixonante, delirante, arrepiante

E agora, banal.

Eu queria criar uma vida que fosse só minha.

Quando espero um ônibus em algum ponto vazio
Estou tão confortável agora, no vazio.
E não espero que mais pessoas esperem junto á mim
Pois estariam vivendo o mesmo que eu;
Em um mesmo horário profundo.

Eu queria fazer algo por fazer,
Onde me desse pleno prazer
E que esse prazer fosse só meu.

Quando faço sexo com mulheres
Elas estariam sentindo o mesmo que eu?
Mas a sensação de gozo é universal.
Eu queria senti-lo apenas comigo;
Onde ninguém mais pudesse senti-lo
Pois apenas eu saberia como aquilo era bom.

Eu queria achar alguém que nunca compartilhasse
Nada comigo.

Eu queria morrer
Uma forma de morte nunca antes vista.
Por anos penso em jogar-me de asfaltos, prédios
Carros em movimento; tirar minha vida.
Mas esta forma de morrer já pertence á outros

Os suicidas já são antigos.

Eu queria achar uma forma de morrer

Que fosse somente minha.

Depois de todos esses achados infortunosos

Durante a vida

Eu, finalmente

Poderei viver bem.

Mesmo após ter morrido.

em fotografia 3x4 não se pode sorrir

Eu me deixo ser estuprada pelas pessoas

Tomada surras, pancadas, todas as formas de socos

Sinto-me burra, estúpida, insignificante

Por me deixar sempre

Ser tomada pelos espancamentos de outros;

Também insignificantes.

Fazem o que quiserem comigo

Me ditam o que bem quiseres
Me deixam a mercê da vida quando tens pura vontade
Quando estão ocupados demais
Vivendo suas vidas cruéis.

Eu também devia estar vivendo a minha.

Mas viver o quê? Com quem? Por quem?
Aonde? Quando?
Minha vida, infelizmente, sou só eu
E eu sou um lixo comum; não reciclável.

Não sei o que faço com lixos não-recicláveis
Esse trabalho não é meu.

Pergunto-me se lixos possuem vontade de morrer
Como eu possuo a ânsia
Tão aguçada; palpitando no peito
Sem vontade de despertar da cama
Com o meu suor, descendo até o meu débil seio
Alcançando a minha fronha suja.

E desejando que o suor se transforme
E na qual tenha o poder de me fazer
Parar de respirar algum minuto, bem ali
Deitada na cama pestilenta.

Sem dor, sem alívio, sem sufoco
Até todo o funcionamento do meu corpo
Tornar-se oco.

previsão de falsas promessas

Enquanto eu rumino desesperadamente
Sobre nossas transas no relacionamento
Sei que, neste mesmo momento
Você está a transar com outra pessoa.
E eu me mantenho plena
No âmbito do acontecimento.

Como não poderia?
Já se passaram tantos dias, semanas
E eu continuo aqui, a mesma; e não mudarei.
Tudo muda, e eu nunca.
Mas a faca do meu desprazer pela rejeição, eu afiarei.

É tão doloroso dizer isso para mim mesma.

Mas é necessário passar pelas dores nas quais rejeitamos
Tão fastidiosamente.

E enquanto você está a transar com outra pessoa
Eu ainda cogito no quanto é valiosa, dourada, preciosa.
O quanto te sinto em um pedestal, agora
Estando tão distante.
E te desejando e imaginando comigo
Com a minha inventividade de pagar vexame.

Por pensar assim
Isso me torna uma masoquista?
Só alguém simples, não merecedora de atenção e amor,
No fim das contas?

Quem me dará?
Eu morro, novamente
Sem saber
Espero dessa vez não acordar.

Não quero renascer
Só desacompanhada, e tranquilamente
Apodrecer.

de esperta, permito me julgar

A certeza nunca é o fim.

E nem nunca tem fim, enquanto o acompanhamos

Quando se medita sobre a certeza do que houve

Já não é mais tão certeza

Pois as probabilidades, quase todas

Já aconteceram

Por dentro.

E não podemos mais muda-las, afeta-las

As probabilidades são reais

Assim como a certeza também é

Apesar de não ter o final.

E as compulsões não decrescem, mas ensinam

Quando alguma das probabilidades pensadas

Aparecem em vida, em carne e osso

A certeza já não existe mais

E ela estanca então, da pele da neurose

Todo o ouro.

E, mesmo desapontada, estou feliz

Pois tive a certeza

Que uma das minhas incertezas

Um dia chegariam.

caixa de surpresas

Coisas que eu nunca soube aconteceram

Coisas que já soube, por muito tempo atrás

Nunca aconteceram.

Tudo foi uma armadilha plena

Dos meus parafusos soltos e, como esponjas

Não se permitindo ao menos

Deixar de absorver uma coisa sequer.

Mas eu creio que as coisas acontecidas

E não acontecidas

E todos os seres andantes que se locomoveram

Durante o processo de ausências e não-ausências

Estão sendo personagens

Em algum fundo subterrâneo da terra.

Eu, e mais um tanto de pessoas queridas

Enxergamos o outro lado de nossas próprias facetas sendo personagens

Quando o enredo não pretende nos alentar

E quando a zona não se é mais de conforto:

Eu não me faço de limite para mim mesma

E quando tudo que acredito, não me é imposto

É saboreio, vida, dádiva, gosto.

E só assim se pode viver.

Sem que o meu medo maligno da crueldade

Possa se escapar e se soltar como escárnio.

E encandecer corações ousados

Semelhantes, como um pouso saliente

Na ponte da minha própria justiça.

O preço da autenticidade

A verdade

É a minha própria verdade.

Se lhe digo sobre ela, e quero que a entenda

Passo a ser uma mentira.

Serei somente verdadeira

Quando a verdade cabe em mim

Que outros não lhe aceitem

E se aceitassem mesmo,

Seriam todos mentirosos.

A verdade só pode ser verdade

Se for sua.

Ela será pó, nula, desvariada

Se passar a ser minha.

medo de ter medo

Vamos lá, consciência

O temor deve servir de algo,

Para algum concretismo fantasioso

Ainda em construção.

Autoestima, prédios, falas

Articulações;

Qualquer construção que se dê

Me apavora do risco ao mudar-me de posição.

Minha mente exala,

Mas o corpo é quem fala.

Suor frio, mão gélida, boca pálida

O temor me sugou

Até sair fumaça da boca sórdida.

São sempre os mesmos anseios costumeiros

As antíteses melodramáticas sobre o que minha boca pensa

E o que meu corpo diz

São laços impuros, e por ora tenho que tratá-los

Como tapetes sujos.

Tenho que jogar-me fora de tudo e sacudir-me

Até que eu esteja limpa novamente

E minha consciência possa adequar-se

A normalidade do temor.

repulsa

Um dia eu tive uma amiga
A melhor, a companheira, o abandono não era cogitação
Em meio a apedrejos, escassezes e ignorâncias.
Sua fidelidade, eu mergulhava em mares de bálsamos
E saía de lá, ainda seca.
Completamente seca, e brilhante.

Mas de um dia para o outro, como o sol nasce e volta outra vez
Seus olhos pararam de brilhar para mim
Seu conforto agora era uma arma
Á qualquer metáfora dita no meu momento de fim.

Ela foi denegrída e carbonizada por minha confiança
Posta em um pedestal de rancor
Com foguetes de ódio, presos numa lança
Quando seus ouvidos eram mais abertos
Aos outros do que para mim.

Ela acreditou em bocas desconhecidas
Falando ao meu respeito
E eu então; após isso, nunca mais apareci;
Em particular, sumi.

E teu rosto reluzente e sorridente, se acinzentou no peito
Com teu teatral jeito, ambicioso, audacioso
E para uma escória como amizade
Desconsiderei como conceito.

Dei um fim nela

Foi como se eu tivesse morrido.

ninguém estendeu o braço

A palidez das maçãs do meu rosto

E a seca das minhas virtudes depreciativas

Sempre tiveram um gosto de ferrugem

Na ponta da língua

Mas nunca me impediram de transitar pelo mundo.

Quando acordo cedo pergunto-me toda vez

Por que o sol está, desse modo, a me chamar

Ele não bate na porta, mas no meu rosto

Para bruscamente, me acordar.

Se o que possuo não é requerimento necessário

Para ter uma vida?

Tudo me parece tão morto, mofado e possuído

Já não tenho tanta coragem de expor-me ao agrado

Das raras ocasiões de amor.

Me disseram uma vez como viver bem
Mostrei a língua e saí correndo
Eu ralei meu joelho subindo as escadarias nobres
Mas acho que senti o paladar renomado da felicidade.

Nada disto é preciosidade,
Nada disto me impede de transitar pelos arredores
Da podridão do mundo.
Eu transo com a minha demência
De não querer me jogar fora.

Eu treino o melhor ângulo das minhas abstinências
Para que o exemplo prossiga
Para que possamos ser melhores
Do que estas projeções infiéis
Que fizeram da vida.

Taciturna

Quando encontro o silêncio

Eu noto: eu nunca o havia tragado
Ele nunca se distanciou
Continua em domicílio nas inconstâncias do tempo
De quando eu posso ser eu.

Quando ouço minha voz acriançada dentro do silêncio
É como um choque; de imediato, uma convulsão
Eu sempre estive aqui? Esta voz errante sempre foi ouvida?

Me cerco de tonturas quando penso na existência
E quando me inclino para as suspeitas
De como já me olharam, já me pensaram
Me mastigaram, comeram
E cuspiram nas especulações momentâneas.

Alguém chama meu nome no silêncio
Mais uma vez, eu nego
Eu não existo, porquê chamam por este nome?
É estranho existir.

Se minha voz fosse ouvida por alguém
Sob minha visão sobre mim mesma, como me vejo do lado de fora
De situações, me poupando da podridão
Me apelidariam de louca?
Eu sou uma observadora; que se permitiu a ousadia
De adentrar do lado de dentro do mundo
Em vezes.

E me acostumei com o hábito insolente.

O de estar dentro, sempre dentro.

Nunca por fora.

Todos os dias vividos do lado de dentro

Me parecem tortura;

Como se alguém prendesse meus pés e mãos

E me obrigasse a falar.

Eu não quero falar, recuso ouvir minha voz ecoando

Pelas esquinas sangrentas da cidade.

Como ela me soa, dá-me a sensação inconcebível

De estar no presente.

E o presente

Não é um presente bem dado

Quando se decide dar

Para livrar-se de um fardo.

discurso de autoprocamação

Um coração doce
Não é o pensado, comum
Ele já dispôs de mágoa, ódio
Raiva, ojeriza.

Mas se permite dessaber
E não agir em hora imediata
Pelo nome da paz isenta
E crua; relevando por peles pecaminosas.

Ele possui habilidades e percepções absurdas
Do mesmo saber, e praticar o fingimento do não saber
Quem são os possuidores da ruindade
Da tragédia, da malícia e dificuldade.
Ele não é tão inocente.

Se arbitrai como pode e como deve
Há o poder de transformar-se no que queres
Com quem queres;
Mas o peso do acreditar é imenso.
A carga é posta em todos os teus milhares
De ombros sensíveis.

Há de ser adocicado, mas nunca ingênuo.
Há de ser enganado diversas vezes;

Mas nunca quebrado e arremessado
No espaço nulo do mundo.

Ele é vitória e esperançoso
O doce é jogado fora
Quando o excesso faz mal ao corpo
Mas nunca no lixo.

Acalmá-lo em rejeições sem um sentido
E sem sentidas, no modo esponja que permanece
Do coração palpitado
É árduo, amargo, profundo;
Mas não impossível.

O impossível é obra prima
Se confia no invisível
Quando lhe parece propicio
E então, se transforma em uma nova folha
De papel ofício.

Um coração doce não é para qualquer um
E não habita em qualquer um.
Deixei-lo ser; e a graça toda do mundo
Cairá sob teus pés.

verde no cinza

Nem sempre será dor.

O peito pressiona o caos; lhe suspendendo pelo pescoço

Te impedindo de respirar

Mas nem sempre a dor sucede

Até os acontecimentos.

A mania é tamanha;

Do desconfortável ser casualmente, filhote dela.

Não é dor, isto pode ser outra coisa.

Por oras é amor e o molde do cérebro

Confunde, lhe perpetuando o negativo.

E é isto que é empírico.

Suas meias rasgadas, seus sapatos suados

As roupas sujas sem dinheiro para lava-las

A máquina de lavar quebrou; e o bolso também.

Mas ainda assim, pode não ser dor.

A cidade toda respira, é organismo vivo

E ainda com a vontade desesperadora de morrer

Lhe caçoando até atar-se nós nos embrulhos das retinas
Você também é, pois faz parte da cidade
E ela é um soco na mesmice das motivações.

São tantas regras que a dificuldade se encontra
Em acordar e pôr os pés no chão
Eu sei, não é fácil.
Mas o ônibus lotado lhe fará uma fera no fim do dia
Para depois olhar-se no espelho do banheiro
De uma lanchonete qualquer
E pensar consigo:
Eu sobrevivi.

E isto é dor?
Pode ser.

Mas a sobrevivência lhe perpetua a calma
A verdade, e as coisas como são
Em um sorriso despido da cidade
Á quem nunca lhe deve coisas intensas e audaciosas
Mas mesmo assim, lhe dá, por teimosia
Seu bom e afago ápice de rebeldia.

E a paciência da dor nunca é o suficiente
Pois ela nunca foi paciente.
Nem mesmo paciente das coisas mais raras
Ela não persiste quando elas aparecem.

Por oras ela nem está conosco, mas as projetamos
Em todos os cansaços expostos no tempo de esperar
Alguma coisa de raro acontecer.

espelho quebrado

Eu tenho a fisionomia e o olhar de minha mãe
Seu jeito tão calmo de olhar para o desespero
E para seus sonhos, enobrecidos de lealdade;
Eu tenho a esperteza e sagacidade de meu pai
Seus lábios e orelhas se parecem com os meus.

Você poderá me cometer o roubo do mundo
Menos disto.
Menos destas qualidades me dadas
Me tonarei singular juntando duas pessoas em uma?

Poderá ser um peso, uma desordem
Uma discórdia pronunciada pela genética

Mas nunca será retirada de mim.

A ajuda para este desespero de nunca ser única

Ser cópias e aparências quase igualitárias

Nunca está no caminho de me pertencer;

Nunca estou no destino de me enaltecer.

Eu não me conheço.

Eu não apareço

Se não me conheço.

E as bocas com as vozes indolentes

Me perguntam a todo tempo

Por qual motivo sempre fui

Tão demasiadamente calada.

as percepções sobre as coisas
nunca podem ser profundas demais

Eles esperam um ânimo vindo de mim

Para fazer a faxina de casa, o almoço da semana

A recepção de convidados

A família e os amigos esperam que eu tenha saudades.

Eles esperam um ânimo inexistente

Já tentei procura-lo por anos consecutivos

Em caixas, gavetas empoeiradas

E nas minhas mochilas rasgadas

Estas, da época terrosa de colegial

Na qual me pinica como fagulha em recordar-me.

Mas eu não consigo achá-los.

Eles querem o meu ânimo para fazer minhas devidas obrigações

Trabalho, estudos, atividades físicas

Dias de sábado, sorrateiros em beber

Programados para lazer

Nem ânimo para isto, eu usufruo mais.

Por ora seja um sono carrapato

Não desassossega de mim

Se eu deitar novamente em minha cama desarrumada

Lhe cubra toda esta vontade

Invalidada do ânimo.

O não existir me parece agradável

Quando os contentamentos com conquistas palpáveis

Não me desce mais pela garganta

Como agradável.

desarmonia

Tudo tem que haver um sentido
Uma coerência
Um ajuste, uma mecânica
Uma estupidez objetiva, que ao final
De nada nos serve.

Eu queria poder não fazer sentido algum
Em hora alguma, em dia nenhum
Em época nenhuma.

Que a minha incoerência entupisse os ouvidos dos sanguessugas
Tóxicas, sufocantes pessoas.
Aqueles ratos que acham ser a camada invisível sem um pingo
Nem um pingo sujo
De sujeira nos atos.

Meu cuspe arderá nos rostos límpidos
E a corda que um dia tentei usar em meu pescoço
Servirá para se embolorarem nos seus âmagos

Insensíveis e em líquidos verminados.

Desconheço a sobrevivência nesta limpidez de lógicas

Me suga a essência pura quando penso nele

Abertamente, todo

Sem falhas.

O meu nexo existe

Quando passo a não o ter mais ao meu lado.

Mas, quando o mesmo se dissipa

Morro toda vez,

Capotada em meus próprios braços.

um dia estagnado

Toda vez que ocorrem-me decepções
E enlouqueço com o golpe levado no rosto
Sinto que amadureço
E após então, descubro:
Endureço.

Não por conta própria
Se assim o fosse, nunca endureceria
Estas emoções demasiadas, infâmias
Para os outros, infantis.

Eu não escolhi sentir tanto.

Se foste opção mesmo,

Não desejaria estes espirros ardentes
Me levando para o fogo
Envenenando cada pedaço ingênuo da pele salgada.

Eu permaneço podre com o excesso de pessoas
Ao meu redor, em todo o fim.
E em todo o fim de cada copo
Que embriaga-me acima da conta;
Só então posso falar.

Mas eu falo;
As palavras saem errôneas, sujas,
Contaminadas com o ar cujas mentes me invalidam
Da falha de ter aberto a boca
E ser não-correspondida nas ferrugens
Dos flácidos e vislumbres sensações.

Não pronuncio mais sobre minhas mágoas tortuosas
Se o incômodo persiste
Não declamo mais a lástima
Ansiei a minha própria aflição.

Batem as palmas adoecidas e febris,
Dizem-me que amadureci.
Minha pobre e mísera alma detalhista, eles não sabem;
Sou agora como eles
Endureci.

ouvindo o silêncio como mantra

Eu sofro muda

Calada, nula.

Como se eu não mais existisse

Quando a dor se impõe assim,

Barrando o meu assento clandestino.

E berrando por quatro paredes

E quando sai, volta a calar

Permaneço ouvindo, ocioso

E nada a falar.

Mas não é isto, a maior glória?
Ser visto, bem ou mal, aparecido?
Mas ela implora todos os dias
Quando o sol nos embrulha o semblante;
“Não me deixe ser vista assim, malvestida
Imunda, descabida”.

Mas ao mesmo tempo,
Eu não devia conforta-la.
Ela vira bicho, carrapato, piolho
Impregna.

Porém o obedeço.
O meu sofrimento pungente
Não quer ser visto em erudição;
Só quer ser tocado; sem enfeites
E sem adjetivos.

antigo e em conserva

Sempre fui uma criança adulta, mal encaixada
Solitária; e por dizerem tanto que solidão
É a ruína de alguém
Sofri, no esforço agudo dos apuros
De ser sociável.

Nunca interessei-me por atividades comuns
De quem diz que este deveria ser o meu modo
De viver bem, e entreter-me em festejo
Me adentrando sem êxito; e no rastejo.

Mas ontem, após o jantar
Minha mãe disse-me:
“Você tem uma alma sábia e velha,
E isso entra em conflito com sua idade cronológica.
E por isso, sofre.”

Refleti.
Um mistério foi solucionado;
Apurado, em pureza sólida.

Esta grande alegria em descobrir-me
Após estas palavras plácidas
Foi um poema dentro de mim
Bem antes de escreve-lo.

o poema vai se formando a cada vez que uma pedra me
atinge o coração

Tudo que ouço, sinto e prejudgo

Engulo.

Sem contestar, sem rebater

E sem filtro, me recorro imediatamente

Tão somente para me abater.

Eu não possuo nada de aço ou de ferro;

Eu sou uma espécie de deus que se corta

Com palavras duras, ações inconsequentes

E com batidas de porta.

Mas eu tenho uma coerência plausível

Na hora, no instante

O conflito me é incabível.

Não o imagino se atraindo para mim,

E na hora que ocorre

Nada, zero, muda, nula;

Paraliso.

Quando viro água, correnteza

Tão exausta de me ver como um fragmento de terra;

Parada, fixa e como fatia de plantio

Nitidamente, me corroem o intestino nervoso

Quando perguntam-me, por qual razão

O meu céu de hoje

Lhes parecem - com carranca - tão feito em assombro.

hipocondria

Em si, por si e para si,
Ânsia, neurose, observação sagaz
Existe alguém que sangra e que grita
Do lado de dentro, me negando a paz.

Mas não, não o deixo sair
Não permito que as pessoas o vejam
Vão me coligar á ele; e assim,
Serei a louca nervosa
Necessitando de atenção contínua
Aonde os pecados nunca o acometem.

Minha respiração estava absurdamente curta
Na noite de ontem

Eu chorei, abusei de outrem, irritei-me para ir embora
Achei que fosse morrer.

Mas este companheiro que me nega o bem
Os prazeres, o não pensar na intrapessoalidade
Me corrói, e ninguém sabe.
Sabe quando fui mais além e decidi larga-lo
Me dando um suspiro perigoso de liberdade.

Mas não é a liberdade
Ele sabe que voltarei para seus braços
Assim que tudo e todos abandonarem-me
Ele, tão obstinado em mim
Com sua autoconfiança
Eu, berrando ao desespero
Implorando por bons funcionamentos dos órgãos
E cobiçando por elevação de estima.

o autoextermínio

O meu pensamento

Por horas me salva de um suicídio

“Espere um pouco mais”

Ele me diz;

“A esperança ainda não morreu”.

O meu pensamento

Por horas me induz ao suicídio

“Você não aguenta mais”

Ele berra;

“Você já está morta há muito tempo”.

Debruçada na janela

Pergunto-me á todo instante

Meu pensamento quer que eu recue

Ou quer que eu avance?

a médica perguntou-me o que eu estava sentido

As palavras são uma tentativa falha

De se dizer o que não se sabe sentir

E mesmo assim, empenhamo-nos

Em traduzir, decodificar, impor

Os conceitos acima dos conceitos.

E o outro nunca saberá

Se aquelas palavras expressam tão bem
O desespero do acaso inerente
E a morte aguda da renúncia não-coerente.

As palavras não sabem a hora de ficar quietas
Ou de impulsionar-se á falar como sentimento
Elas não pensam, elas não sentem
Mas devem achar que sentem;
Estão sempre presentes
No mesmo espaço-viventes do perceber-se
Em pedaços cegos de mármore.

E já são grisalhos, apesar disto
Esta mania velha e cansada de traduzir
Exauridas estupidezes efêmeras
Onde o sentido é comumente no singular.

No singular preto e branco
Do ferro revestido
Da nossa armadura inebriante.

Me sinto cheia de palavras;
E as sinto vazias de sentido.
Mas, sem os sentidos o dado para mim
O vazio não daria sentido ao meu sentir;
Gozado de perspicácia.

angústia de auto traição

O tempo vai passando rapidamente

A ilusão de um conceito criado

Não por deus; mas por controle.

E eu permaneço inalterada nos meus costumes.

Tão pungentes, autodestrutivos e baleados.

Não me vanglorio.

Não me vanglorie.

Eu existo nas minhas preocupações com o outro.

Isto não me torna alguém digna de resplandecer-me

E expandir-me.

Eu não sou merecedora de nada, ao final.

A vida não compensa a carga que recebi

Quando nasci.

Mimos, palavras graciosas e olhares brilhantes

Podem sim, enaltecer-me;

Mas não posso fazer nada com isto

O outro é sempre o outro, nunca parte de mim.

Eu crio e ilumino junções de abandonos esfaqueados

E me agradecem, com franqueza

Pelas noites dos postes acesos na madrugada invernososa;

Mas a perda continua presente

A ausência ainda cospe em mim

Num colapso distante, e repentino

Me tragando; inflamando os meus tecidos conjuntivos.

O que falta agora? O que me atormenta?

Eu não sei desesperar-me pelas minhas próprias ausências.

Achei que fosse madura o suficiente para distingui-las
De saber quem sou e do que os rebanhos desejam
Desde suas antigas consequências.

Eu costumo saber, por trás do turbilhão de neurônios
Que espairecem sob mim, enquanto passeio na rua.
Mas neste flagrante, estou presa a uma estaca
Me fazendo sangrar, e nunca estanca
É venenosa, no poro irremediável de sua tranca.

Agora eu não sei mais.
Fecho os olhos e tento-me recordar
Do efeito anestésico
Que a palavra acomete
Quando me atingem as rédeas dos ossos.

me lançando ao fogo

Quanto mais tenho percepção
Da minha inteligência
Mais sinto
A minha perdição adentro do mundo
Bruto -
E a loucura se aguçando, no aguardo
Do instante suicida e inesperado.

Não se pode ser feliz
Com tamanha percepção.

É preciso se esquecer a consciência
Tornar-se ignorante
Para, assim
Ter o prazer firme de vida na ponta da língua.

Eu não falo de ser um bom conhecedor
De teorias, códigos e estratégias lógicas

Eu falo de percepção, intuição, sabedoria
É esta a inteligência; a eximia maldição
Que põe a felicidade calculada, na beirada
Do apartado hospício.

Quando eu tinha quinze anos

Eu vi todas aquelas meninas
Vestidos sob medida, maquiagens cobrindo a pele
E suas devidas imperfeições, naturais;
Lhe sendo tiradas, em como se convenhais
Pude reparar também nos saltos
Apertando e danificando seus pés delicados.

A vibração do ambiente me dizia
Para não proceder, ir embora.
Mas persisti, fiquei um pouco mais.

Homens são os verdadeiros humanos aqui
Ricos são os verdadeiros comandantes daqui.

Um aperto, uma náusea, um distúrbio
Voraz
Engolindo-me as entranhas.
Não, ainda não é hora de partir
Eu queria espantar-me mais ainda.

Eu poderia pegar bebidas
E mistura-las com meus antidepressivos,

E assim o fiz.

Andavam em minha frente
E a minha presença, era, toda insignificante
Como uma formiga
Carregando comida.

Eu poderia ser pisada sem ninguém mesmo
Perder as estribeiras por ter ferido.
Isto não são férias, isto não é uma festa;
Me questionei se festas são divertimentos úteis.

Não, não aqui
Eram sórdidos e fúteis.

Eu não tinha um lugar,
Mas o meu lugar se pertencia em perceber
As vozes atrozes e viscerais
Inibindo-me de um acervo merecedor
De liberdade comprada quando nasci.

Eu devo ter comprado.
Se não a comprei, enganei-me danosamente
Não nasci mesmo, não estou aqui
Não existo.

Devo estar morta em algum canto

Do lado de fora da rua
Acompanhada de uma sombra, como as audácias das cordas
Em íntegra, de veste nua.

Conceito de criação

A ausência manifestada se torna severa
Quando a falta da imaginação é escassa.

No momento presente;
Onde a angústia da omissão
Já é o único foco de uma nutrição
Rasa e carente.

Como redemoinho, evapora a graça de se ter
E se compadece com a falha da falta
Onde sempre faltará
Sempre faltará algo mais
Onde as satisfações tardam a aproximar-se.

Mas elas não se aproximam por si só
Existem ou não existem

Às infalíveis encarnações das memórias
Resiste ou escolhe negar-se
E na negação, surge a maliciosa abstinência.

Tão voraz e pungente
Nenhum mal se abstrairá
Se o próprio ideal não enxergar a si próprio
Como matéria-prima.

E nele, renascer no tempo
De uma glória qualquer
Inventada.

Pois as coisas boas, em silêncio
Não existem, não aparecerão
Se não forem bem inventadas.

Estrago

Por vezes eu morro

Mas revivo.

Por vezes minha morte tarda,

Mas não falha.

Já morri tantas vezes

Que nem sei se meu corpo agora

Aguentaria morrer;

Já está tão exausto

De praticar o mesmo ato.

Por vezes eu me destruo
Me estilhaço
Alguém lá fora pede um redemoinho
Dos meus destroços.

Mais cedo ou mais tarde
Eu retorno, inconstante
Não sei se a firmeza mantém a promessa
De erguer-me nas prudências de um pedestal.

Mas retorno, forte
Só para depois
Falhar-me em mim mesma
Dentro da minha própria força;
E mostrar para os outros
Que o conforto da minha calma
É a fonte das exceções.

Não me destruo
Se não for para mim mesma;
Não me destruo
Se a destruição não atingir-me com soberania.

O sonho persiste,
Pois a auto ruína insiste.

A sede de uma fonte imaginária

Uma vida completa não me basta
Preciso de algo a mais, de luxo-lixo
Para corroer-me;
Para me sentir
A pior pessoa do mundo.

Não me basta ter tudo
Quero algo mais
Alguma luz letal, onde o tormento faça casa
A minha dependência é o querer mais.

O sossego não me levou a ser sagaz
Não quero ser triste quando todos estão
Não quero ser feliz quando todos os tons brancos
Assim; o são.

Algo a mais que isso
Iria completar-me todo o estômago;
Mas se uma vida completa não me basta
O meu declínio verbal não sara.

O silêncio e a minha alfabetização
São as únicas cordas aonde me seguro agora
E que me bastam.
Eu não existo
Se não me permite ser completa
Pretendendo o incompleto
Dentro do velório, antes da morte se acometer.

Paixão liberdade

Não sinto mais o cheiro de Jasmim
Se me remete a você, á rima relevante
Ás tranças de aço do destino
Que não sei se chegarão até aqui

Chegarão até aqui?

Se chegará, você chegará também
Como se perdura, dentro de sonhos mitológicos
Mas são pontos e portas a serem abertas
E eu tenho sede em saber como se abrirão
Se abrirão para a minha passagem?

Eu não me alojo em qualquer embarque
Ao seu encontro.

Mas quem dera a coragem me enfeitiçasse
Para esta prisão por você, estacada em mim;
Como um tronco de árvore desforme
Ser a colina branca
Do meu descanso.

E seria com um finalmente, permitindo-me dizer
Que o sonho se realizaria
Como uma pena rabisca as folhas brancas

E não vividas; na espera de serem nascidas.

Te espero nascer no fim

E espero nascer em ti

Como um cântico dos pássaros

Quando batem as asas, em ânsia

Por liberdade.

Expressão

Mesmo quando tenho

Algo a dizer

Não digo.

Mesmo quando não tenho

Nada a escrever,

Escrevo.

Tempestade

Benditas sejam as crises mentais e o ódio que se sobrepõem
Acima de qualquer coisa;
Nos leva a evoluções e congruências de níveis invisíveis.

Com o olho nu e o coração seco
Poderá se acender as chamas eternas da luz
O impulso glorioso das coisas divinas e celestes
A turbina de ouro que manifesta a grandeza
Para assim só, se permanecer e bastar no destino intrépido
De si mesmo.

Benditas sejam as doenças, e as enfermidades
Nos despertam, nos fazem agir
E aproveitar o que nos é dado de mão beijada.

Pois o bem não existe sem o mal
São duas ferramentas de coligação permanente
Como pede a glória sem gozar da derrota?

Irmãos gêmeos, siameses, e com uma quebra de laços
Se destroem.

Sonho

Idealizar para mim é a parte divina
Há sempre a perfeição, pois se vem puro
Instantâneo da imaginação.
Sou eu quem crio, sou eu mesma
Quem me faço feliz.

Idealizar é o sonho sentido
Sentido por ele mesmo nunca criado,
Mas como se estivesse aqui
No vazio da inexistência.

E para quê me serve o palpável?
Apenas ás deslealdades do espirito
Não; de nada ele me serve.

Para não deixar-me enlouquecer
Nas competências das condenações
Por ter o segredo fiel e honroso da vida;

Despojado á dentro da minha cabeça
E dirigido para a ação
Central, no sentido cravado
Pondo para fora, o meu coração.

Viscoso

Eu preciso ter um pouco
De misericórdia de mim mesma;
A minha amiga mais íntima.

Como viverei
Como me sustentarei
Sem ter uma mísera compaixão
Flagelada quando se filtra?

Me analiso, me julgo, me critico

Não tenho pena de mim.
Faço meu corpo cuspir carrasco
Sem trata-lo com carinho.

E dirão os outros
Coisas boas sobre mim
E eu direi a eles
Coisas boas sobre eles
Menos sobre mim.

E eu direi a eles o que outros
Dizem
Sobre mim.

Existe uma voz interna, que diz:
“Tenha misericórdia de si mesma”
Meu outro lado não ouve
Ela parece surda, desgastada e idosa
Com suas ideias já muito bem fixas.

A pressão é tanta que me canso
Somatizando, no desmanche do terreno
Sem racionalizar, sem contrapor
E me canso, querendo dormir.

Será que quando adormeço
Meu outro eu, o irracional

Abre os ouvidos objetivos

Para a autocompaixão?

Ela bate no meu rosto

E me diz que não é perfeita.

E então, lhe dou um pouco de compaixão e pena

Quando assim, consigo.

Muito

Às vezes sou

Às vezes não

Por ora me encaixo

Por ora não me sinto.

Sem saber que meu sentir
É ausência de raciocínio
E o raciocínio não nos serve senão
Para inflamar a própria cura.

Se um deus existe
A lógica inventa, se será verdade
Ou não
Baseado em fatos concretos.
Mas o que seria o concreto
Senão algo criado
Do lado de dentro?

Todo o desespero e aflição
Só para entender que o expurgo
É a paz do presente
Persistente.

O adeus da obsessão de ontem

Se eu não fosse tão abstrata
Eu poderia me avisar de anticipo
Para me entender.

Se eu fosse alguma lógica que fizesse sentido,
Eu poderia ser comum.
Normal, impura, com artifícios
E com jeitos que encantassem ao meu redor
Chamando atenção para a minha presença.

Mas não chamo, não quero
Ser despercebida é a melhor sagacidade
Que possuo entre minhas ardências
Nos tecidos conjuntivos e entranhas.

Se eu não fosse tão abstrata
Não seria eu;
E quem seria eu,
O meu corpo
E a minha alma não mais se entregaria?

Não; meu corpo morreria
Pois a alma
É o que faz ele dançar.

Tenho medo de julgamentos, confesso
Isso me torna não-espontânea
Repressora de mim?

Entorpecida, eu fico
Pois eu já havia visto o entorpecido

No mundo todo
Antes da minha percepção se abranger.

Ignoro minhas próprias regras de sentir
Em prol do pensamento obsessivo
Do outro, pelo outro;
Sempre pelo outro.

Mas eu sou uma pintura desmantelada
Uma ausência de rebusco

Pois eu nunca sei
Quando pularei fora da importância
Que dou a tudo isso
E mandarei uma carta
Dizendo a todos
Para irem a merda.

Reverso

Sentir pouco

Ou pensar muito?

Pensar pouco

Ou sentir muito?

Viver menos

Ou enlouquecer mais?

Enlouquecer menos

Ou viver mais?

Enlouquecer, enlouquecer

Enlouquecer, enlouquecer

Vivo.

A loucura é o clímax

A vida é o respiro de alívio.

Um

Não há nada que eu não diga
Que todos já não saibam
Que todos já não tivessem ouvido antes

Tudo que já se saiba e que já se conheça
Preenche no cerne
Todas os segredos não são tão segredos
Pois alguns até já sabem;
E contaram a outros,
Mas interpretam, cada um, de seu modo

E ainda bem.

Se fosse tão óbvio assim
Eu já teria desistido de reafirmar
Alguma forma de encaixe
Nos espaços, ambientes, solidões
E me sustentaria no isolamento.

E de certa forma
É o meu sustento
Mas não dura
É um espécime passageira de cura.

Ensinar-me a viver conforme seus olhos apontam;

Ensinar-me a vida é a verdadeira loucura

Pois nunca saberá

O que acontece aqui,

Do lado de cá.

Desatino

Sempre escrevo poemas, cartas
Para as amantes.
Ninguém nunca me escreveu nada
Ninguém nunca
Se apaixonou por mim.

Eu deveria me lamentar.

Mas não lamento.
Paixão é desespero
Se sou ausente de paixão
Sou ausente de cair às falências
Do desespero.

Ou talvez isso seja só um delírio imaginativo.
Talvez eu deveria me lamentar sim
Me sentir um traste, um lixo, uma obcecada
Por viver em conflito.

Isso não combina muito comigo;
Não deliro, não me lamento, não choro.

Só o despertar já me é simplório
O complexo que se transforma
É quando o lamento se apela em velório.

Passará
Esse desconforto cessará;
Me convenci de que vim para cá
Para se fazer a falta no presente
No espaço vazio do momento ausente.

Cura

Minha cabeça neurótica
Me repele
Minha cabeça neurótica
Não me distrai
Me concentra na distração.

E perco meu foco;
E ela achava que ela era
Mesmo
O meu único foco.

Minha cabeça neurótica
É catastrófica
Reflete sobre desastres
Nunca antes acontecidos.

E ela pensa que aconteceu.

Minha cabeça neurótica

Já é, em si

O próprio desastre.

Minha cabeça neurótica

Faz meu corpo tremer;

E que assim seja

Ele precisa sentir

O que a cabeça não consegue.

A cabeça não consegue sentir.

Minha cabeça neurótica

Quer me fazer enlouquecer

Ela nem percebe

Que já enlouqueci.

E enlouqueço sempre

E é a coisa mais divina do mundo;

Enlouquecer

Mas ela me diz que não.

Coitada.

Tenho dó e pena; é tão frágil, fraca

E pequena.

Ela não consegue acompanhar

A voragem eterna

Do meu coração.

Eu quero morrer?

Eu quero morrer.

Essas palavras catastróficas

Me vêm como pedras jogadas

Na cabeça

Mas o desejo de fazê-lo é nulo.

Meus olhos não mais poderiam ver a alegria

Em singelezas absortas

Meu corpo não poderia mais sentir

Os êxtases celestiais que me descem na garganta
Quando me aposso na base das clarezas.

Eu não quero morrer.

Mas a vida me parece mais aconchegante
Se olhada de longe
Ou pela janela da distância,
Mas quando estou distante
A falta me suga, assim como um aspirador retém
As impurezas.

Preciso me assumir.

Quero dizer,
Me sinto cansada, exausta
Mas a vida
A vida ainda é bela.

Mas não é calma
Como a morte parece ser.

Futura amante

Imagino-te no futuro

Madura, pura e com sabor de framboesa

Imagino-te nós em um futuro

Corrompido em imagens binárias

Talvez mesclado nas minhas próprias corrupções
Que poderei te entregar,
Na hierarquia dos meus sonhos.

Imagino

A luz do nosso quarto, acesa
Sentada em nossa cama, tocando teus seios
Teus anseios
Sentir tua pele regurgitando sob um efeito
De violeta.

Nosso sexo teria sinestesia de semente brotando
Toda vez
Que o toque indicasse afronta á arte que isto é,
Isto, que não é nada do que parece ser.

Não quero sexo para ter-lhe o prazer carnal
Em saciar vontades que não existem em mim;
Quero o sexo tendo-lhe o próprio prazer
Em dar-lhe algo de meu fruto;
E é isso que basta para mim.

E você, aprendendo todos os dias comigo
Sobre a importância do silêncio
E da calma, em tempos de tempestade
E eu, aprendendo todos os dias contigo
A despreocupar-me menos com a vida

Antes que meu corpo adoeça.

Te ver trocando de roupa, de humor
De opinião, de ideia
De gosto;
E estar mais perto das loucuras individuais
Do processo de intimidade com alguém.

Minhas mãos vazias, atadas, doloridas ou dormentes
De todas as nossas voltas nas pistas extensas da rua
Com sacolas pesadas, de volta
Em casa, com fome de alívio
Em viver saciada
Com toda a angústia
De ser de alguém.

E chegar, sentar-me no sofá e ouvir discos antigos
Enquanto escrevo bobagens que sinto e penso
E crio
E que no futuro me garantirá não sei o quê,
Mas á você, garantirá memória.

Mas o meu espaço, meus dias sozinha
Comigo mesma,
Sei que você me dará;
Não me dará?
Já não tenho misericórdia de mim

Preciso me dar.

O amor é uma relação em que ceder

É uma gaveta empoeirada restaurando-se.

É angustiante ser de alguém, em algumas horas.

Mas olha,

Isto aqui é só um sonho que projeto em ti

Se não fosses projeção

Meu pensamento nem mesmo existiria.

Dúvida

Sou fraca demais
Para continuar andando
Em trilhas desconhecidas
Sem saber aonde tudo vai dar.

Mas forte demais
Para desistir
E render-me ao velho
E ao que já não contenta mais.

Análise sobre paixões

Há tempos que eu tenho vontade
De escrever sobre paixões.

Há tempos quis dizer
Que todas as minhas paixões verdadeiras
Foram platônicas,
Nunca aconteceram, de fato.

Por serem platônicas,
Eram irreais -
Desilusões.
E quando se contata com a pessoa
Sonhada
Perde-se o platonismo
E o sentido sobre a paixão também.

Se torna real, digno de amor
Mas não paixão,
Não mais.
Paixão é a espera, a ansiedade
A loucura, o desespero, a ânsia.

Paixão é áspera, espinho

Redemoinho de estilhaços.

Não a sinto quando as coisas
Se destinam para o sentido realístico
Da existência.

Não sofro quando sou platônica
Eu penso que sofro
Penso que sou a única
Que não será feliz.

Mas a coisa vem, o destino faz desenrolar
Ele me ouve; ele me vê.

Mas, ao final
Não sei se era isso mesmo
Que eu queria.

Enfatizo; feliz quando sucede,
Mas se isto é felicidade
Feliz, então
Eu sempre fui.

Eu disponho deste grande defeito;
Indulgente
De alimentar paixões, quase como mentiras
Inventadas.

A grande falha do mundo terreno
Em ser minha, e pertencer a mim
E não ter graças suficientes para inventar
Paixões com os pés no chão
Pois tudo que ele me oferece
É a falta de paz.

E desconheço das ousadias;
Se isto é bom ou ruim.

Voltas pelo mundo devastado

Sem amor, a vida permanece sempre

Incompleta

Sem humildade, de nada adianta

Viver á dois.

Você será sempre um eterno escravo

De prazeres terrenos

Que nunca te sustentarão.

Sem o sorrir, e o entusiasmo criado

Do nada

Falta ordinariamente

Alguma coisa.

Sem a imaginação, somente se torna

Um encarcerado

Pelas correntes do sofrimento.

E sem a paz interior
De nada te valerá si mesmo.

Disse tudo isso a eles, á todos
Os avisei desde a idade mais tenra.

Mas me jogaram pedras
E palavras injustas;
E hoje
Voltam para mim
Alegando-me
Que as minhas palavras
Abriram seus olhos.

O coração é que devias estar aberto
Não os olhos.

Infância

Há a comida, mas não há o apetite

Há a cama, mas não há o sono

Há a família, mas não há amor

Por onde andam todas aquelas coisas

Que nos disseram que teríamos?

Minha beleza não é nada, não é beleza

Mal havia nascido e já me puseram em caixas

Defeito em criança, menina

A criança ainda não aprendeu sobre nada
E uma das primeiras coisas que lhe ensinam
É como não presumir beleza em si.

Minha fome deve ser outra
Meu sono deve ser de sonhar acordada
Minha família é algo que escolho
Minha beleza é como achar ouro
Pisando nas pequenas gramas do jardim.

Não deviam nos dizer tudo isso
Na pré-escola?
Saio do útero e parece-me que continuo
Enlaçada há mais de trezentos anos.

Tudo que se enterra, há de ser desenterrado
Após longas estradas e caminhos duros
Com pernas frágeis
E em precipícios e montanhas abismais.

Quando se cava á fundo, no lugar
Dão brechas a prazerosas torturas
De tornar-se mais uma vez
Na sua pequenez
Alguém que ainda não conhece nada.

E mesmo assim, disposto a viver

Berrando

Na raridade dos instantes

Como se tudo fosse

Eternamente, a primeira vez.

Bar da esquina

Sento no bar á noite para ver se o hábito

Me acalma os nervos

Como antes

Mas agora; sem amigos.

Cinco minutos sentada
Vendo as paredes decoradas, pintadas
E com inteligentes armadilhas
Para o consumo como prioridade.

Passa uma multidão, de repente
Gritando, com copos cheios
E deixando cair suas cervejas no chão
No piso aonde a moça acabou de limpar.

Ela volta para o mesmo lugar, vendo a sujeira
E enfurece-se em segredo.

Ouçõ barulho de copos se quebrando, a tevê ligada
Emitindo um jogo entediante de futebol
Risadas, aumentos de voz, o tom chamativo de flertes
De uma noite de álcool.

E algum garçom não me atendeu
Não me importo, mas preferia estar em casa
E a ideia de estar em casa
Me aconchegou de repente;
Mas não posso ir, um compromisso marcado
Com o meu próprio limite
É a lealdade que até crio para mim mesma,
Não só pelo outro.

Me pergunto também o porquê dessas pessoas
Passando em minha frente
Olharem tanto para mim;
A solidão deve incomodar
Alguém está sozinho sentada
É uma dó, uma pena.

Como este pensamento não me intoxica
Eu ainda não descobri.

Um deles passa novamente, cochicha
Sinto o deboche pela distância vagarosa;
Já não me encontro mais feliz.

Mas aquela mesma moça da limpeza
Me olhou, e sorriu
Isso me deu combustível
Para permanecer sentada por mais alguns minutos
Mesmo querendo
Voltar para casa.

E minha cerveja chegou na mesa, quente
Mas não incomodou-me nem um pouco
O fator dela estar quente;
Já perdi meu medo de estar só
Dentro da multidão.

Poema para o desespero

Eu consigo ver
A verdade através da porta fechada
Eu consigo
Ir além da janela
Ecoando gritos;
Que impede-me de respirar.

Eu vejo todo o peso discreto da maldade
Descortinando e camuflando as atenções
Para a condução mais fácil dos dias
E sangrando-me os olhos;
Os olhos da visão.

E a maldade é cegueira
Cegueira contaminada.

Eu vejo o desespero
O ódio, a ausência de salvação
Mas já joguei fora folhas em branco
Que me serviriam.

Eu as serviria,
No caso.

Então não há salvação

Se quando as folhas acabarem
Reclamarei das que joguei fora.

Eu vejo a não-salvação também
E isso não me proíbe
Nem após derrotas contínuas
De enxergar mais além.

Por qual inoportuno
Os seus não chegariam, ao menos
No meio do caminho?

Os olhos às vezes dormem,
Quando também dormimos.
Mas nunca param de olhar:
Modificam o destino.

Olham para dentro.

Fartura

A minha natureza
Se balanceia entra fleuma
E melancolia
Mas também possuo a cólera
E a pedante euforia.

Eu sou um tudo
E um nada
O tudo e o nada funcionando
Louvado em uma máquina.

Não sei se me dirijo á trajetos errados
Ou se o piso com minúsculas pedras me confunde
Faz o jogo sagaz, e me ilude;
É á vero, desguarnecido
Mas em equilíbrio.

Rodando, deslizando dos buracos
Atravessando pelas águas em poças
Paradas
Mas cristalinas.

E só depois

Desapareço;

Ficando, cada vez mais

Visível.

Para quem sempre me viu

(E nunca me notou).

Disfarce

Apostei em mim
E ganhei
Apostei novamente
E me perdi.

Minha base é a minha carne
No cerne
Corroída, sangrenta, infame
Mas astuta;
E arbitrária.

Não é que eu não tenha a noção
De que sou um grão de areia
Em cima do palco
Interpretando personagens.

Mas eu tenho a preferência

Perturbada e desnecessária

De prezar

E engrandecer

Cada grão

No chão de areia.

Saber da importância das coisas

De um grão de areia, de um toque no raso

Da água

Faz tudo se tornar mais pesado

Ou até então, mais leviano.

Depende

Para onde se está olhando.

Saber como elas vem, como elas vão embora

É sangrar todos os dias e desgastar-se

Por despedida; como se fosse a primeira vez

E é sempre

A primeira vez; de tudo.

Nada muda, tudo continua

E prossegue nos instantes

Pois eles nunca querem

Se libertar da existência.

Eu falava no começo

Que tinha apostado em mim;

Sabendo disto tudo

Eu ganhei ou perdi?

Nem me recordo mais.

É uma corrosiva alguma coisa

Que não sei bem o que é que ela corrói

Mas liberta

Do enjoo constante da vivência

Que já achei ter me usado

O suficiente dentro dela.

Vão me calar a boca se eu não souber

Falar direito

Vão me calar a boca se eu não fizer

O que pedirem.

Eu ganho ou perco?

É uma aposta desvanecida

Quando ganho a vida

No mesmo instante,

Perco ela.

Contradição

Quando ganho algo

Perco sempre

Alguma coisa.

Quando estou perdida

Ganho mais

Do que se eu ganhasse

Alguma coisa.

Quando eu tinha quinze anos (II)

Eu nunca queria saber

Das minhas notas baixas

Do meu cabelo ruim, do meu rosto

Esburacado

Da minha intolerância

Quase nunca

Quis saber
E andava sempre
Angustiada.

A angústia me deixava de cama
Consumia-me de um jeito raquítico
Impossível de ser alimentado;
E se fosse alimentado
Começava a chorar.

Se lembrando, mais uma vez
Que aquela repetência de ano
Era um comprovante da minha burrice
E estupidez
Que aquele cabelo alisado
Era um consumo para disfarçar
Toda a minha feiura.

Que a minha intolerância
Era só um mecanismo de defesa
Para não me atirarem mais balas
Dentro do peito.

E andava sempre angustiada.
Pois no buraco, lá embaixo
Eu sabia que angústia era essa.

Eu não nasci

Para me adequar.

Eu não nasci

Para me privar.

Eu não nasci

Para ser igual a eles.

A graça de ser invisível

A dor de não ser ninguém

É o que se sobressai

É o que fica, permanece
Intensifica.

A dor de não ser nada
Para ninguém
A dor da quase
Não-existência
Do quase
Não-amor;

É mortífero, sinto que me quebra
Todos os ossos.
Sinto que me amolecem
Todos os dentes.

Me fazem engolir a todo custo
Como uma colher enfiada na boca
A tentativa
Dos complexos neuróticos;

Dizendo-me sobre a minha atenção
Obsessiva
Á coisas pequenas
As dando importância
Demais.

Mas a importância é o meu principio

Sou fincada no que me acontece

Até nos fracassos mais

Humilhantes, pesados

E irreversíveis.

Sou atenta a perfeição

Sou atenta ao que não existe;

E as luzes que se apagam

São as acesas, as que ninguém nunca

Havia visto.

E isso entristece o peito.

Quando me doam atenção

Depois de ter me comparado

Com aquela mulher mais altiva

Que eu;

É a prova conformada

De que necessito do outro

Para ser alguém.

Sendo assim,

Pois bem:

Não sou ninguém.

Mas posso ser alguém

Quando eu, e somente eu

E mais ninguém;

Sou eu mesma.

Melodia de amores partidos ao meio

Eu não sirvo para nada
Devia estrangular-me
Ou pedir para alguém
Meramente, fazê-lo.

A felicidade não dura
E as consequências disso, apesar
Dura; dura como dureza
Como pedra, mármore e madeira.

As minhas palavras
São rudes demais para serem lidas
Quando me deparo em casta
De impureza, desespero e abandono.

Se não quiserem ler
Seria um favor que lhes dariam também
Mas tenho a necessidade da expressão
Não abro mão
Nunca, desse prazer zelador.

E zela por mim; unicamente

Não é um traidor.

A leveza bate no peito e apazigua
O constante contorno dos demônios
Quando o expurgo se torna
Finalmente, lúcido.

Mas descobri
O não servir para nada
Serve para outras pessoas;
O meu espelho se reflete na servidão
Do nada, encontrado nos vazios
Alheados, perdidos.

Portanto, me torno algo digno
Quando assim, algum alguém
Se curva para minha inferioridade;
Esse alguém que não sofre nunca.

E esse alguém também se curva
Para as minhas sombras;
Que não sei se me libertam
Ou se me jogam, direto
Em algum buraco escuro.

Urbano

As buzinas dos carros me destroem aos poucos
Os ruídos que meu sapato dá quando pisam no concreto
Parecem até com a calma
Que persiste aqui
Aturando todas essas ladeiras
Somente feitas
Para passagens de carros.

Quando piso nas pequenas pedras
Pedregulhos
É sinal da minha firmeza se fazer de santa
Em tantas andanças que não são mesmo
Andanças;
São presságios para se pegar um ônibus
Logo ali
No ponto.

Mas os ricos
Os ricos andam de táxi.

E quando não piso, mas as chuto
As pedras que agora estão cobertas de areia
São outros sinais;
O de fuga, talvez.

E quando penso em fugir
Passo por um belo jardim
Com flores mortas, vivas, sobrevivendo
Como podem;
Eu devia ir misturar-me também
Junto com elas
Mas alguém me cutuca por trás, e me diz
Como se fosse correto dizer
Aqueles palavras
Que são propriedade
De algum prédio.

Esqueço-me do sermão recebido
Para o meu próprio bem
E ouço o canto dos pássaros
E aquilo me alimenta.

Até surgir
Outra buzina
De carro
Avisando-me
Para sair da frente.

Alguns dias acordo sendo outra pessoa

No instante em que se mais quer
Em que se tenta algo para conquistar
O que se quer
Dentro do querer
O querer se afasta
Cada vez mais.

No instante calado e meio sujo
De um silêncio umedecido
Pelas ruas que se passam sem se olhar
Direito para elas;
Seu desejo já contaminou
O prazer da conquista.

E quando se tenta ser
Já não se é mais nada
Além de tentativa.

Já não se é nada
Pois tentou ser
E o ser não se tenta;
Não se pune, não se cobra
Não se aperfeiçoa;
O ser já é próprio e digno
Dele mesmo.

O forçar-se às diferenças
Que não correspondem
Só afastam mais ainda
Quando se tenta ser;
E quando se pensa demais,
O força, e ele assim
Vai embora.

E nunca mais
Volta a ser, novamente
Só na medida que se esquece
Que se plena, e não se abate
O ser volta a ser o que era
E puramente, num complexo

Se é verdade

Como nunca foi antes.

Raciocinando a culpa

Quando penso, reflito

Não cedo, nem tenho sede

De mudança;

Mas simultaneamente

Enxergo o mundo

Do outro lado; como mudança de visão

Mas sem muda-las.

Minha opinião é forte, rígida

Não se desmantela, não se reprime

Mas relativizo; vejo o outro diferente
Diferente de mim
Como se fosse eu.

Relativizo
Relativizo até as coisas
Que não são coisas; que não nasceram
Para serem coisas.

Tenho ciência de que não são dignas
Mas também são dignas.
No meu mundo estão; e meu grande dever
É deixá-las serem
Como são.

Escrevo palavras, que com o tempo
Perdem o sentido para mim
Mas para o outro; nunca
E o outro também sou eu;
Me aguço na sabidez eterna
Que tenho de já ter, um dia
Ter me transformado.

Tenho minha paciência
Sobre minha complexidade
Guardada em um pote, que mais tarde
Está tão vazio

Quanto também sereno.

Discuto, penso, reflito

Me volto no meu voto:

Não me revolto com o errar

Mas o outro lado me parece até

Um professor

Quando me permito berrar

Na bolha do meu próprio erro.

Amor?

Amor é uma palavra

Que sempre foi usada

De modo precipitado demais;

Inclusive

Por mim.

Amor não é o sofrer
Preso e de abundantes vezes
Já contaminado pelo excesso
Do pensamento desastroso.

Amor não é mundano;
Amor não é terreno
Amor não é aqui
Amor é lá em cima,
E quando nos permitimos
Às vividas complexidades
Da imaginação
Ele também pode ser
Aqui.

Se os passeios com eles não forem feitos
Por dentes cravados, rostos emburrados
E inexpressivos;
Corpos que não se permitem às audácias
De toques conhecidos e confiáveis
Ele poderia ser aqui.

Talvez eu o esteja racionalizando
Em exacerbo
Mas se racionalizo e falo sobre isso
Me deixe fazê-lo
Deixa-me fazer, então, na liberdade

Que minto dizendo que a tenho
Aonde estou só em contato
Com os céus vigorosos da verdade.

Amor é tudo que sinto, apesar
De ser mundano.
Amor foi uma palavra que há muito tempo
Usei
Para indicar sofrimento
Mas foi o mesmo
Que me descartou
De quem eu não era verdadeiramente.

E que todos se vestem dele
Para significar dor.
Dor, dor, dor e mais dor.
Mas que, ao cruzar a ponte
Ele é libertação.

Crença ao contrário

Não me diga que me contradigo
Eu não o faço, mas

Somos todos
Uma eterna contradição;
Ao final.

Se não fôssemos
Ficaríamos, eternamente
Encalhados no mesmo galho
Mofando no casulo
Que nunca se abre.

Se a contradição
Não nos batesse a porta
Morreríamos todos
Sem o gosto da mudança.

A mudança sufoca, arde, desespera
Mas é cura para estancar;
Então, me contradigo
Me contradigo
O tempo todo.

E não há mal nisso
O mal está
Em nunca se contradizer
Esperando que ser fiel
É o mesmo que estar
No caminho certo.

O caminho certo é, em si
A contradição mais perfeita
Que a incerteza pode, um dia
Concretizar.

